

# Projeto Educativo do Agrupamento

2012  
2015

---

Agrupamento de Escolas Damião de Goes

## Índice:

INTRODUÇÃO .....	3
PARTE I - DIAGNÓSTICO ESTRATÉGICO .....	4
1. A COMUNIDADE EDUCATIVA .....	4
2. O CONTEXTO SOCIOECONÓMICO .....	9
3.O AGRUPAMENTO .....	14
3.1.AS FAMÍLIAS E OS ALUNOS .....	14
3.1.1.Os alunos .....	15
3.1.2.As famílias .....	18
3.2.OS DOCENTES .....	22
3.3.PESSOAL NÃO DOCENTE .....	24
3.4.CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS .....	25
a)Escola do 1º ciclo de Alenquer .....	26
b)Escola do 1º ciclo de Cheganças.....	26
c)EB1 /JI de Santana da Carnota .....	26
d)Escola Básica 2.3 Pêro de Alenquer.....	27
e)Centro Escolar de Alenquer (1º ciclo e J.I.).....	27
f)Escola Secundária Damião de Goes (Escola Sede) .....	29
4.OFERTA EDUCATIVA/ PLANOS DE ESTUDOS .....	30
5.RESULTADOS ESCOLARES .....	30
6.BALANÇO FINAL - Análise SWOT .....	38
PARTE 2 - LINHAS ORIENTADORAS .....	40
1.VISÃO/ MISSÃO.....	40
2.OBJETIVOS / METAS.....	40
3.OFERTA EDUCATIVA E FORMATIVA .....	42
4.REDES, PARCERIAS E PROTOCOLOS .....	44
5.MONITORIZAÇÃO/ AVALIAÇÃO .....	45
ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS E RESPETIVAS FONTES.....	46

## INTRODUÇÃO

O Projeto Educativo (PE) é um dos instrumentos basilares da autonomia das organizações escolares, desde há muitos anos plasmado no ordenamento jurídico do sistema educativo e, ultimamente, consagrado de novo na recente alteração ao regime de administração e gestão das escolas/agrupamentos, o Decreto-Lei (DL) Nº137/2012, de 2 de julho que altera e republica o DL nº75/2008 de 22 de abril. O número 1 do artigo 9º define o PE como «*o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas (...) elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas (...) se propõe cumprir a sua função educativa;*».

Muito para além do seu caráter jurídico-normativo, a construção do PE é comumente referida e usada com uma função de maior nobreza, a de constituir-se como uma *estratégia de consensualização* de metas, objetivos, estratégias e formas de organização, numa espécie de pacto de desenvolvimento da Comunidade Educativa para um horizonte de médio prazo. Nestes melhores casos, o PE surge como uma oportunidade de *construção participada e informada da Identidade e Projeto* da própria comunidade educativa.

Ora acontece que a persistência da forma do articulado legal não assegura, antes obnubila as alterações significativas do contexto, e, portanto, do *conteúdo* e *alcance* deste instrumento da Autonomia. Entre estas, avulta a alteração da dimensão da unidade orgânica (desafiando a tradicional semântica do vocábulo 'escola'), que introduz novas dinâmicas internas e articulações externas, não se traduzindo apenas numa *alteração de escala*. Os chamados «mega agrupamentos» são, para a maioria dos efeitos - sobretudo os negativos -, uma realidade nova, sem precedentes ou experiência acumulada. Resultaram de urgências da política educativa e económico-financeira que atropelaram processos, às vezes já com muitos anos de longevidade, de territorialização das políticas educativas, de planeamento local/regional das redes educativas, de concertação/articulação das ofertas formativas em rede, de associação de escolas para organização de formação contínua, *etc.* Outra marcante alteração de contexto, que ninguém pode já ignorar, é a profunda «crise da Escola Pública», nas vertentes da economia da Educação (financiamento público estatal/autárquico, requalificação da rede, renovação dos quadros docentes, entre muitos outros fatores) e da conceção, desenho e organização dos currículos e das metas educativas, rediscutindo-se a própria noção de 'serviço público educativo'.

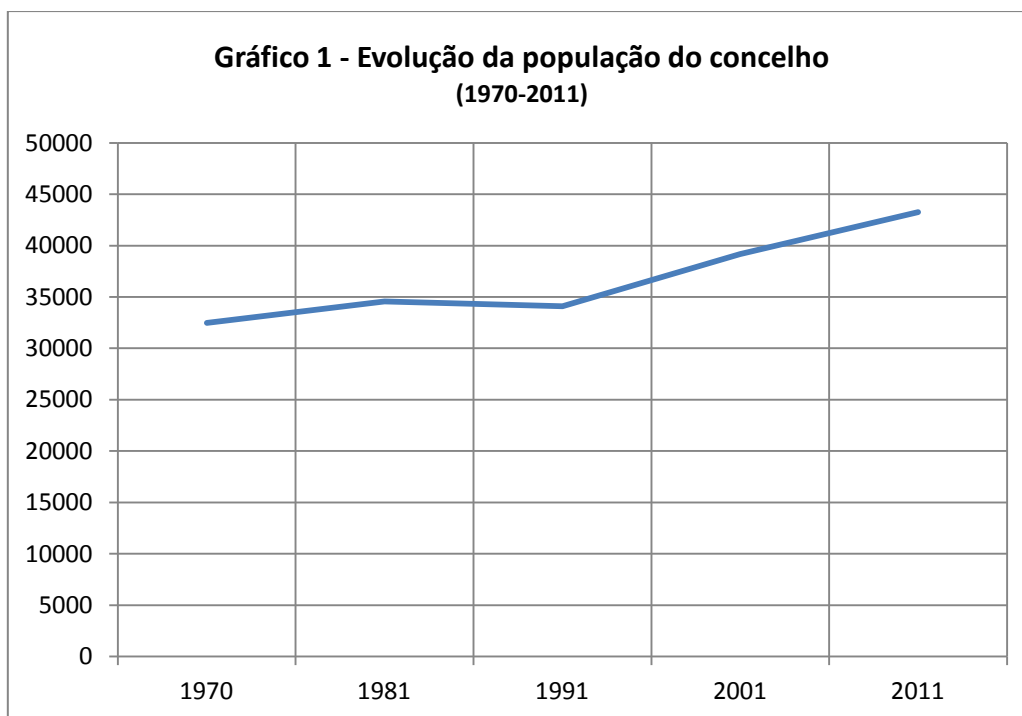
Perante tais condicionantes de contexto, decorridos dois anos escolares da experiência da agregação do Agrupamento de Escolas Pêro de Alenquer com a Escola Secundária Damião de Goes, é tempo de ensaiar o exercício de conhecer, pensar e discutir a nova realidade, recuperar criticamente a herança de cada uma das unidades de gestão e estabelecer, com um mínimo de coerência e viabilidade, algumas linhas de orientação estratégica para o futuro, com os olhos postos nas poderosas condicionantes do tempo atual; mas, ainda assim, buscando ânimo e vontade na concretização dos objetivos históricos e princípios ético-constitucionais que enformam o serviço público de educação, quarenta anos depois de ele ser instituído (para o nível pós-primário) no concelho de Alenquer.

## PARTE I - DIAGNÓSTICO ESTRATÉGICO

### 1. A COMUNIDADE EDUCATIVA

A peculiaridade do Agrupamento de Escolas Damião de Góes começa pela definição do seu ‘território educativo’ e, portanto, do seu público-alvo. Na verdade, se na educação pré-escolar e ensino básico tem como vocação servir a população das duas freguesias «urbanas» da vila de Alenquer (Triana e Santo Estêvão - em breve a freguesia de Alenquer) e da freguesia de Carnota, no respeitante ao nível secundário de educação e às modalidades de ensino recorrente ou educação e formação de adultos tem como alvo a totalidade do território concelhio, porque a Escola Secundária Damião de Góes (ESDG) é a única neste nível de educação. Assim, nesta breve descrição do contexto sociodemográfico, tomaremos como objeto o concelho no seu todo, prestando atenção especial às freguesias que definiremos como «urbanas»<sup>1</sup>. Cronologicamente, focaremos os últimos 40 anos, tratando os dados posteriores a 1970.

Considerando a evolução demográfica concelhia nos últimos quarenta anos, o Gráfico 1 revela um concelho em crescimento a partir de 1970, com apenas 10 anos de estagnação.



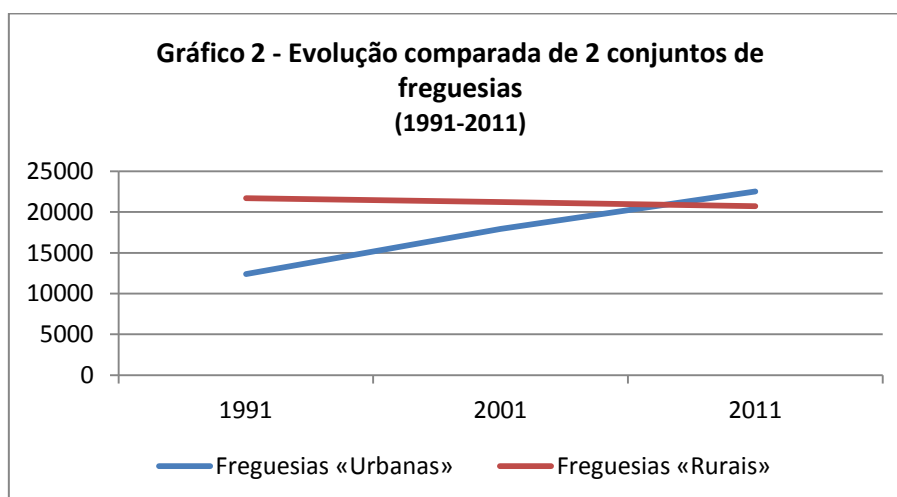
Os anos 90, numa análise mais fina, revelam-se como anos de crescimento acentuado em poucas freguesias e moderado noutras, havendo ainda freguesias em estagnação ou regressão demográfica. No último intervalo intercensitário (2001-2011), já só cinco freguesias registam crescimento da sua população residente.

<sup>1</sup> As aspas traduzem o facto dos respetivos territórios incluírem, para além de aglomerações urbanas, áreas rurais periféricas.

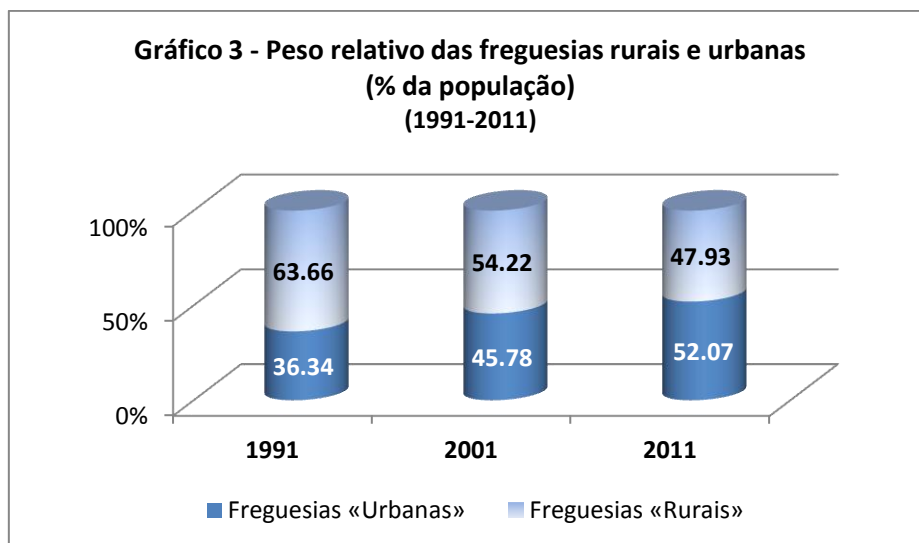
**Quadro 1 - Evolução da população residente no concelho, por freguesias (1970-2011)**

	1970	1981	1991	2001	2011
Abrigada	3070	3317	3291	3416	3320
Aldeia Galega	2250	2396	2257	2175	2079
Aldeia Gavinha	1405	1445	1211	1173	1142
Cabanas de Torres	1100	1161	1073	1013	989
Cadafaís	3080	3542	1558	1687	1734
Carnota	1895	1800	1669	1695	1678
Carregado			5190	9066	11707
Meca	2075	1913	1842	1809	1719
Olhalvo	1555	2121	1998	2006	1907
Ota	1285	1414	1321	1198	1289
Per. Palhacana	2005	1903	614	591	577
Ribafria			1108	974	970
Santo Estêvão	5125	5702	4383	5338	6687
Triana	3445	3593	2819	3532	4134
Ventosa	2660	2782	2416	2217	2173
Vila V. Francos	1540	1486	1348	1290	1162
<b>Concelho de Alenquer</b>	<b>32490</b>	<b>34575</b>	<b>34098</b>	<b>39180</b>	<b>43267</b>

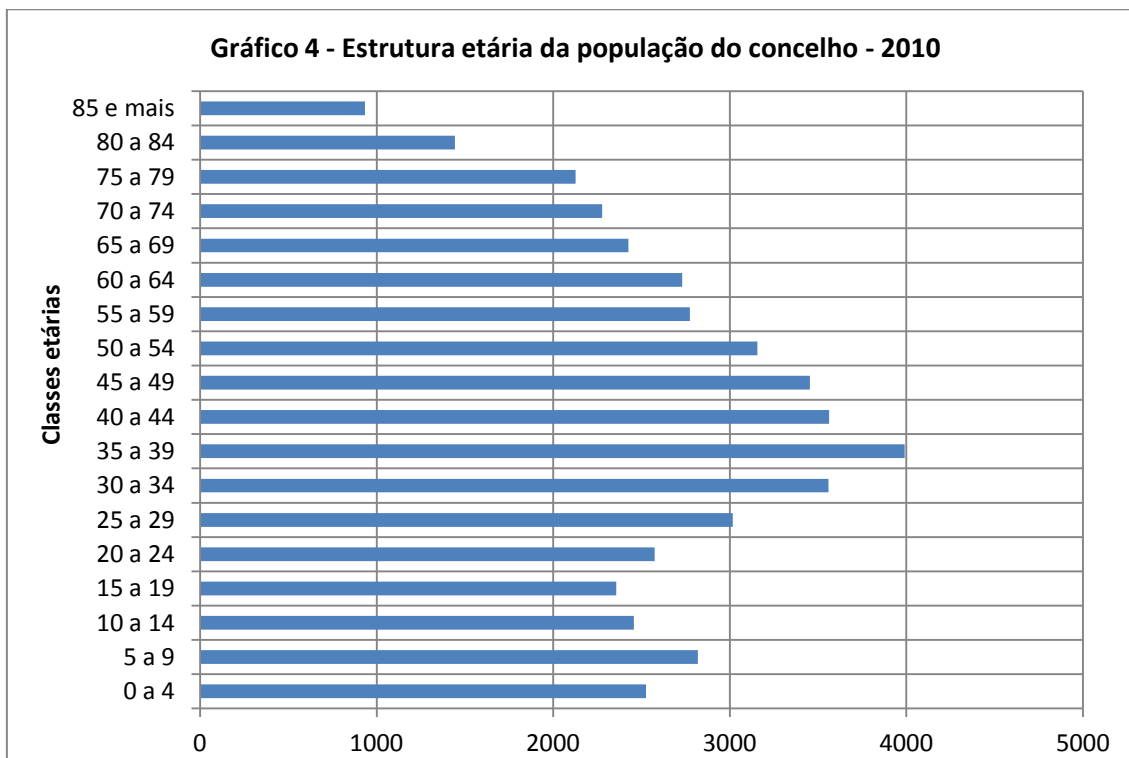
Sombrearam-se as freguesias que se destacam pelo seu peso na dinâmica da demografia do concelho (particularmente a freguesia do Carregado). Podem assim criar-se, para efeitos analíticos, dois grupos de freguesias: as que designaremos por «rurais» (onde predominam aldeias e lugares), e as «urbanas», que abarcam as vilas de Alenquer e Carregado. A este nível de desagregação, os dados do Quadro 1 aparecem-nos na sua verdadeira dimensão, ajudando a interpretar o Gráfico 1.

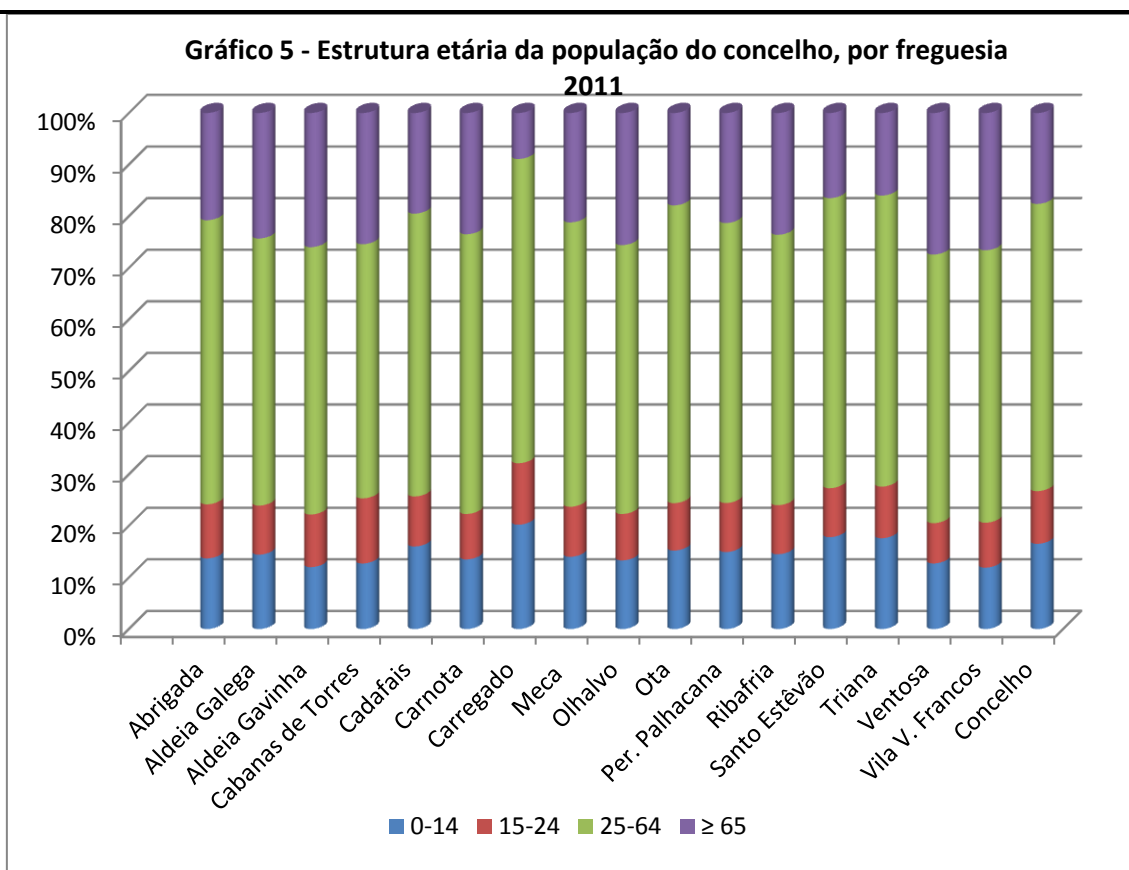


O peso relativo dos dois grupos aparece-nos clarificado no Gráfico 3:



No último período intercensitário as freguesias «urbanas» (3 freguesias) ultrapassaram a metade da população residente do concelho, excedendo o total das restantes 13 freguesias «rurais». Assim, a feição urbana de um concelho tradicionalmente rural acentua-se progressivamente. A dualidade do concelho, com um sudeste urbano, jovem e de considerável densidade populacional e um extenso território rural despovoado e envelhecido que já havia sido diagnosticada, acentua-se e agrava-se. A relevância deste dado é evidente: se parece previsível a acentuação da tendência de regressão demográfica das freguesias «rurais» (numa extensão que é difícil de prever, de momento), o mesmo não acontece - de acordo com os dados disponíveis - com o conjunto do concelho e com as três freguesias urbanas. Este facto relaciona-se com outros dados, relativos ao envelhecimento da população e ao índice de dependência dos idosos, um dos seus indicadores mais valiosos. Os Gráficos 4 e 5 apresentam os dados mais recentes:



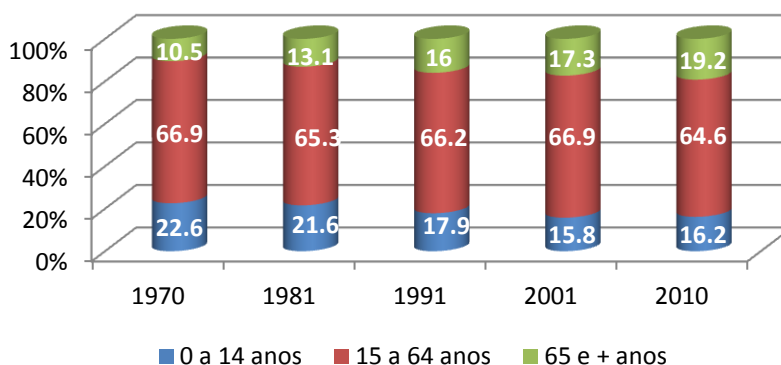


O perfil da estrutura etária revelada no Gráfico 4 mostra uma população adulta, embora em envelhecimento, onde já são notados os efeitos da baixa da natalidade e do aumento da esperança de vida. No entanto, regista-se uma aparente resiliência das classes etárias mais baixas, o que, em conjunto com a dimensão das classes em idade ativa, poderá indiciar o impacto da imigração na demografia concelhia.

À escala das freguesias, a estrutura etária das diversas freguesias reproduz a dualidade do concelho, já referida acima; a freguesia do Carregado destaca-se pela sua relativa «juventude» (30% de jovens até 24 anos, 10% de idosos com mais de 65), seguida das freguesias da vila de Alenquer (cerca de 25% de jovens e 20 % de idosos); no resto do concelho, os idosos excedem em regra os 25% e os jovens raramente ultrapassam os 20% (com a exceção das freguesias de Cadafais e Abrigada, mais próximas dos valores das freguesias da vila).

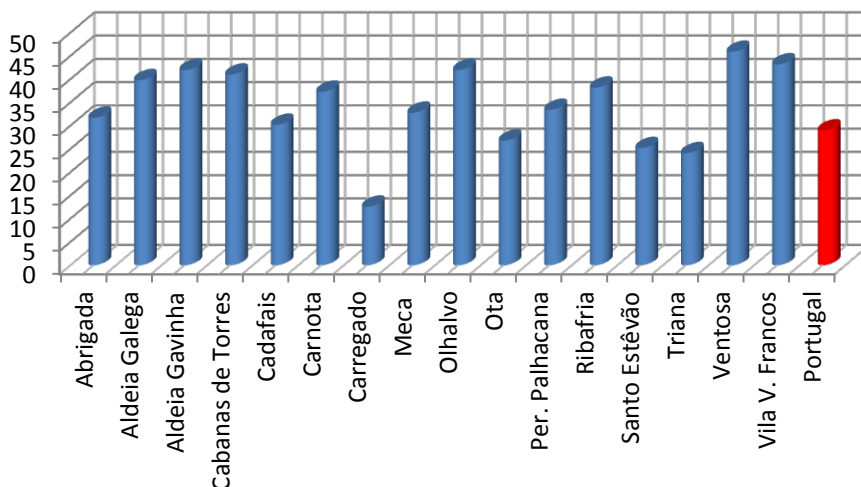
O Gráfico 6 apresenta uma panorâmica diacrónica do fenómeno, à escala do concelho:

**Gráfico 6 - População por grupos de idade  
(1970-2010)**



Ao contrário do que seria expectável, verifica-se um ligeiro aumento percentual do grupo dos mais jovens, enquanto o grupo de idade «ativo» (15-64 anos) regista um recuo significativo. O envelhecimento acelerou. A dualidade concelhia volta a reaparecer na distribuição do índice de dependência dos idosos, comparando com os dados nacionais. Observe-se o Gráfico 7:

**Gráfico 7 - Índice de dependência dos Idosos - 2011**

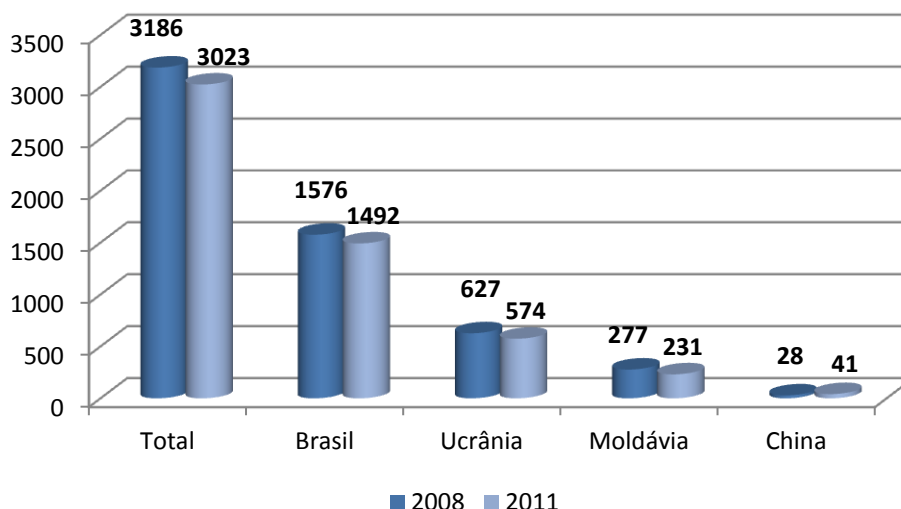


Os dados evidenciam a tendência de envelhecimento já referida (com a exceção da freguesia da Ota, abaixo do índice nacional) em 12 freguesias. Sublinha ainda a excepcionalidade da freguesia do Carregado.

Uma referência final para a estrutura da população concelhia no que respeita à sua composição nacional, étnica e cultural: o fenómeno da imigração tem sido sentido de forma crescente, importando avaliar as perspetivas da sua evolução no médio prazo. O Gráfico 8 apresenta os dados acessíveis sobre o fenómeno, à escala do concelho de Alenquer:



**Gráfico 8 - População estrangeira com estatuto legal de residente - principais comunidades (2008-2011)**



A população imigrante legal no concelho situa-se no valor dos 7% da população residente, verificando-se uma descida de 0,4% em relação aos dados de 2008. A evolução dos dados no que respeita às principais comunidades mostra que a tendência (até considerando a conjuntura económica atual) não é de crescimento. No entanto, a presença de comunidades imigradas não deixa de ter algum significado e, até pela sua relativa novidade, obriga a Escola Pública a tomar medidas eficientes, de acordo com cada caso, e a considerar o problema no seu planeamento estratégico.

Considerando todos os dados do ponto de vista prospetivo, para o objetivo que aqui nos ocupa, poderemos afirmar que o contexto sociodemográfico do concelho de Alenquer poderá ser caracterizado como:

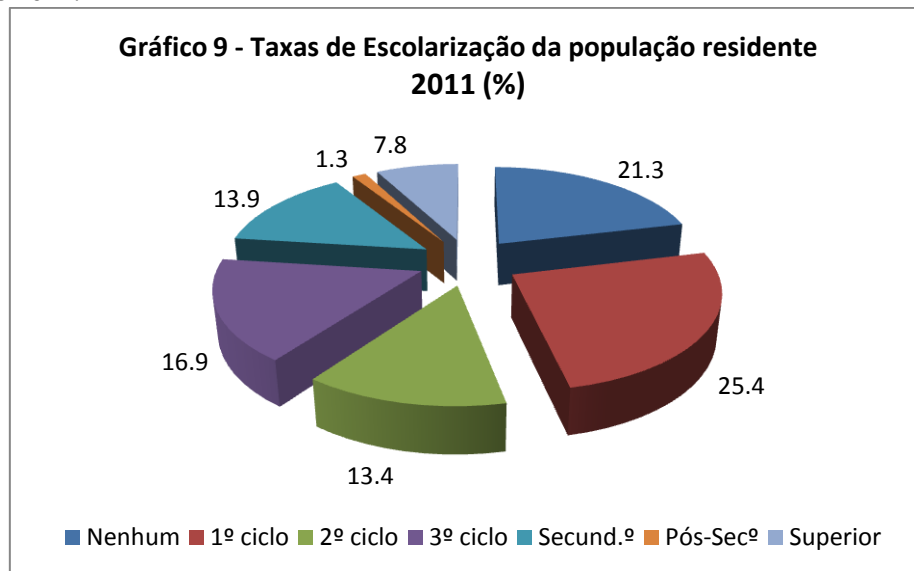
- Crescimento demográfico em 5 freguesias (Cadafais, Ota, Carregado, Santo Estêvão e Triana), das quais uma em crescimento acentuado e as restantes em crescimento moderado;
- Regressão demográfica das restantes 11 freguesias;
- Envelhecimento da população, acentuado nas 13 freguesias «rurais», mais limitado nas 3 freguesias «urbanas».

Assim, o território educativo do Agrupamento (no caso dos níveis mais baixos de educação e ensino) corresponde à parcela do concelho com algum dinamismo demográfico, pelo que será previsível um crescimento da população residente. Considerando a totalidade do concelho, poder-se-á caracterizar a situação, a médio prazo, como de desaceleração do crescimento.

## 2. O CONTEXTO SOCIOECONÓMICO

O diagnóstico estratégico deverá ainda prestar atenção às variáveis de contexto relativas à situação socioeconómica do concelho, salvaguardando-se desde já a dificuldade de conceber cenários no médio prazo, dada a volatilidade e incerteza da evolução das condições económicas atuais e dos seus efeitos sociais. Referiremos aqui, de forma abreviada, as variáveis que afetam mais diretamente a ação educativa e formativa das escolas do Agrupamento, nomeadamente as relativas à evolução do emprego e da atividade económica, considerando o papel da escolarização na empregabilidade e esta na procura efetiva daquela.

O Gráfico 9 apresenta as taxas de escolarização da população concelhia a partir dos dados do Censo de 2011:



Os dados são eloquentes quanto ao muito que há a progredir em termos de escolarização da população, legitimando não apenas a relevante função social da Escola Pública, mas também da oferta de percursos de requalificação, de reorientação profissional ou de ensino recorrente e educação e formação de adultos.

No Quadro 2, desagrega-se a mesma informação ao nível das freguesias, destacando-se os dados mais notáveis de divergência face à média concelhia e à nacional.

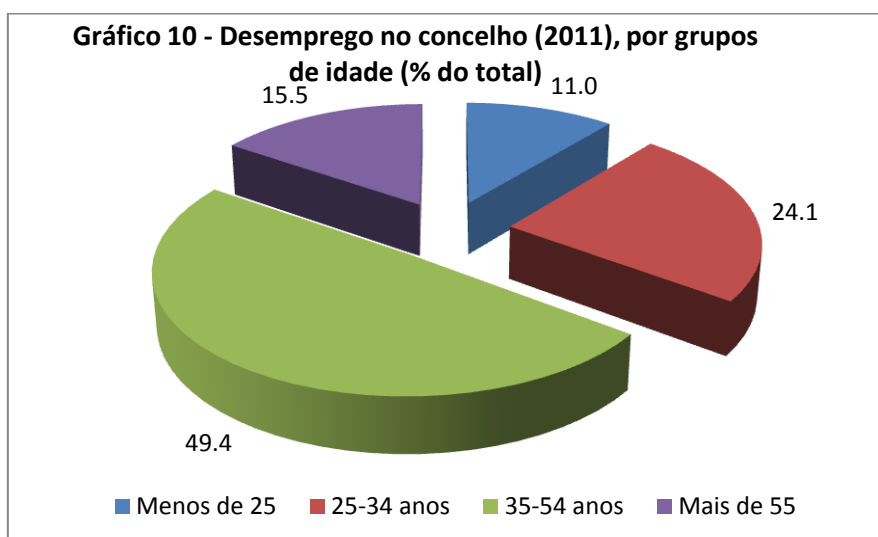
É de sublinhar a pobreza dos dados concelhios na maioria dos níveis de escolaridade e, particularmente, no grupo dos não escolarizados e nos níveis mais altos.

**Quadro 2 - Escolarização da população, por freguesias (%) - 2011**

Freguesias	Nenhum	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secund.º	Pós-Secº	Superior
Abrigada	21.3	29.9	14.7	15.8	11.0	0.8	6.6
Aldeia Galega	25.3	29.8	13.2	13.9	10.9	1.2	5.6
Aldeia Gavinha	23.6	29.8	13.6	13.4	12.0	0.9	6.7
Cabanas Torres	19.9	39.1	14.5	13.8	8.7	1.0	3.0
Cadafais	21.5	25.7	13.6	15.8	14.9	1.1	7.5
Carregado	19.3	18.3	14.4	20.3	17.5	1.8	8.4
Carnota	27.5	30.0	11.6	14.7	10.3	0.5	5.4
Meca	21.8	33.3	16.3	13.7	9.9	0.7	4.2
Olhalvo	20.9	32.4	12.8	16.6	10.5	1.2	5.6
Ota	20.4	24.4	14.7	16.4	14.4	1.5	8.2
Pereiro Palhacana	25.6	31.4	11.8	15.8	9.9	1.4	4.2
Ribafria	26.0	33.4	12.8	15.1	9.1	0.3	3.4
Santo Estêvão	19.9	21.9	12.0	17.3	16.2	1.3	11.4
Triana	19.1	22.7	11.8	17.0	16.0	1.5	12.1
Ventosa	25.9	33.3	12.4	14.7	9.0	0.6	4.0
Vila V. Francos	27.8	37.4	13.3	11.0	6.4	0.7	3.4
<b>Concelho</b>	<b>21.3</b>	<b>25.4</b>	<b>13.4</b>	<b>16.9</b>	<b>13.9</b>	<b>1.3</b>	<b>7.8</b>
<b>Nacional</b>	<b>10.4</b>	<b>27.2</b>	<b>12.8</b>	<b>19.1</b>	<b>15.7</b>	<b>1.0</b>	<b>13.8</b>

As variações extremas das taxas de escolarização refletem o perfil etário das populações das diversas freguesias: a «juventude» relativa da freguesia do Carregado traduz-se em escolarização mais elevada ao nível do 3º ciclo e Secundário, acompanhada, neste último caso, pelas freguesias da vila de Alenquer. Nas freguesias «rurais» a baixa escolarização reflete o perfil mais idoso da população. Em conjunto, os dados evidenciam o atraso da escolarização da população concelhia por via da reduzida dimensão da rede escolar pública nos níveis pós-primário, com apenas 40 anos na sede do concelho. Sublinham ainda o muito que há por fazer no concelho de Alenquer, nomeadamente a necessidade de uma aposta decidida e persistente nas modalidades de educação de adultos (ensino secundário recorrente e Educação e Formação de Adultos).

No outro termo da equação, observem-se alguns dados relativos ao desemprego. O Gráfico 10 apresenta a distribuição do desemprego na população residente por grupos de idade. Do total de ativos desempregados, quase três quartos têm entre 25 e 54 anos, e metade entre 35 e 54. O desemprego mais jovem é relativamente limitado. É evidente que este retrato ainda não inclui os efeitos da conjuntura atual.



Sobre o emprego, apresentam-se alguns indicadores indiretos do tecido empresarial, mão de obra empregada e ganhos médios:

### Quadro 3 - Indicadores de mercado de trabalho em 2009

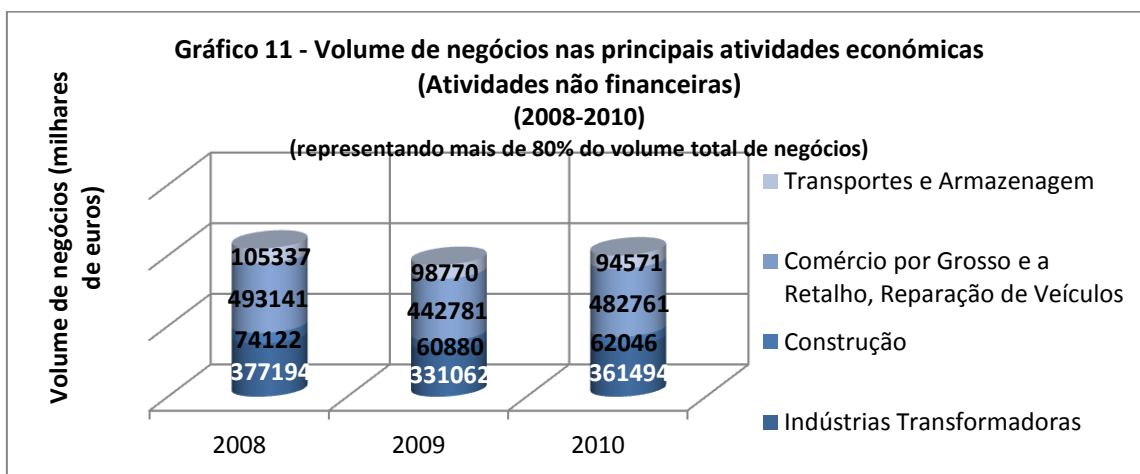
#### Trabalhadores por conta de outrem (TCO)

	Taxa de TCO por Nº trab. (%)		Ganho médio mensal	Disparidade de ganho médio mensal por nível de habilitações
	<10	>250		
Portugal	24.8	24.8	1034.2	39.5
Oeste	31.2	14.2	864.1	26.8
Alenquer	23.1	27.6	1021.1	28.8

Os dados evidenciam um fenómeno interessante. As taxas de TCO por dimensão das empresas indicam que o emprego em empresas de pequena dimensão dos residentes de Alenquer é inferior à média do Oeste e até da nacional. Por seu lado, a taxa de TCO em empresas de maior dimensão (>250 trabalhadores) de Alenquer é quase o dobro da região Oeste e superior à taxa média nacional. O ganho médio mensal é também superior à média da região e muito

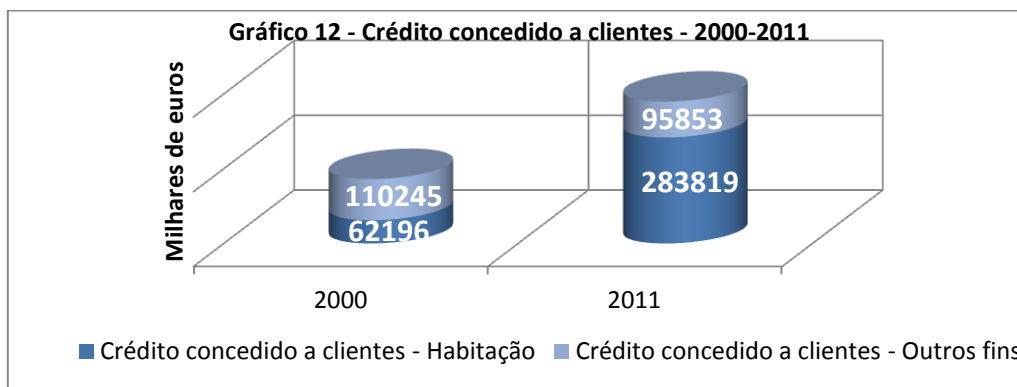
próximo da média nacional. No entanto, a disparidade de ganho por nível de habilitações é menor que a nacional e ligeiramente superior à regional. Os dados apresentados revelam uma feição surpreendentemente «moderna» do mercado de trabalho da população concelhia face às médias regionais: empregadores de maior dimensão, salários médios mais elevados, maior disparidade de ganho por nível de habilitações. Destaque-se a importância das habilitações dos ativos e o seu impacto nos rendimentos.

Em conjunto, os indicadores de emprego e desemprego (embora parciais e potencialmente desatualizados) revelam um perfil do mercado de trabalho da população concelhia que parece desmentir a habitual descrição do concelho como um mundo rural e relativamente imune às transformações gerais da sociedade portuguesa nos últimos anos. A progressiva integração nas dinâmicas (demográficas, sociais e económicas) da área metropolitana de Lisboa, já antes assinalada<sup>2</sup>, é confirmada. Reconfirma-se ainda na estrutura do volume de negócios pelas principais Classes de Atividade Económica (CAE) das empresas não financeiras do concelho, apresentadas no Gráfico 11:



Salvaguardadas as oscilações de curto prazo, registe-se o perfil predominantemente terciário e secundário da economia local; o território «rural» do concelho terá perdido importância relativa e absoluta, quer do ponto de vista demográfico, quer no emprego e na atividade económica; mas é necessário ter em conta que a população das freguesias «urbanas», provavelmente, na sua maioria, trabalham fora do concelho, deslocando-se pendularmente em direção à área metropolitana de Lisboa. Portanto, o perfil do emprego da população residente não coincide em absoluto com o tecido económico do concelho, dada a crescente função residencial do território do concelho, nomeadamente no seu quadrante sudeste.

Os dados referentes às empresas financeiras, nomeadamente os referentes à concessão de crédito à habitação são bastante elucidativos desta vocação de dormitório:



<sup>2</sup> Cf. ESCOLA SECUNDÁRIA DAMIÃO DE GOES. Conselho Pedagógico – *Projecto Educativo da Escola 2004-2008* : Documento-Base. 10 de fevereiro de 2005, pp. 3-8

O que estes dados revelam, de forma mais evidente, senão mesmo gritante, é a crescente especialização territorial do concelho de Alenquer; ele é, cada vez mais, um *dormitório* da área metropolitana de Lisboa. É-o pela importância relativa crescente da função residencial, acentuada pelo aumento da mobilidade em consequência da melhoria das acessibilidades em direção ao coração da área metropolitana de Lisboa. É-o ainda pela alteração do perfil do emprego da população residente, que cada vez mais encontra as oportunidades de emprego numa área geográfica mais vasta, em detrimento do emprego local. É-o, por fim, pela redução da atividade económica no setor primário e tendencial estagnação do setor secundário (que se verifica empiricamente nos tempos mais próximos) e, portanto, pela acentuação da terciarização do tecido económico e do perfil do emprego da população residente. Os Gráficos 13 e 14 representam as ofertas de emprego e as taxas de emprego por setor de atividade económica recentes no concelho. Os dados são eloquentes:

Gráfico 13:

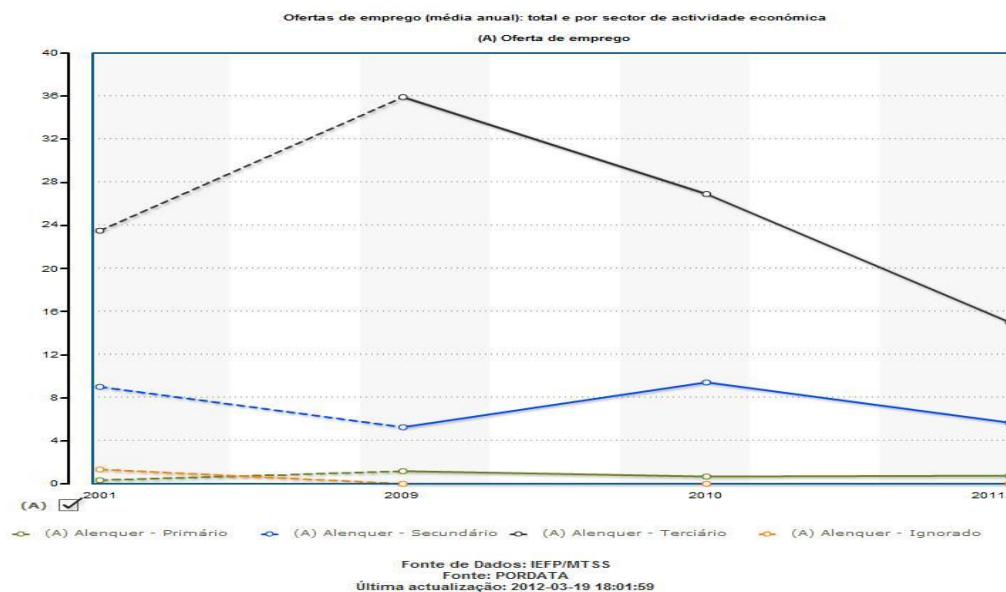
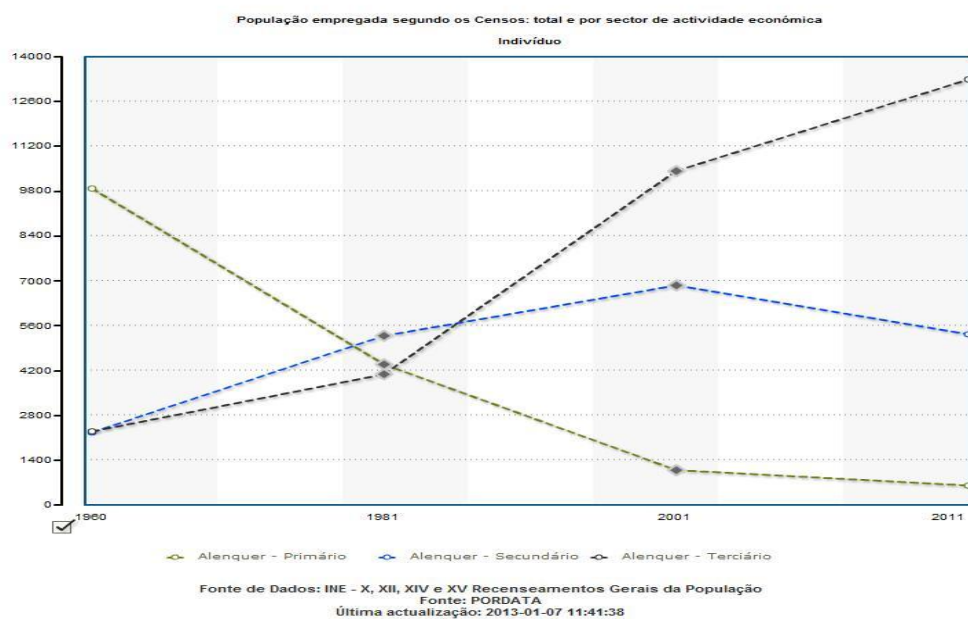


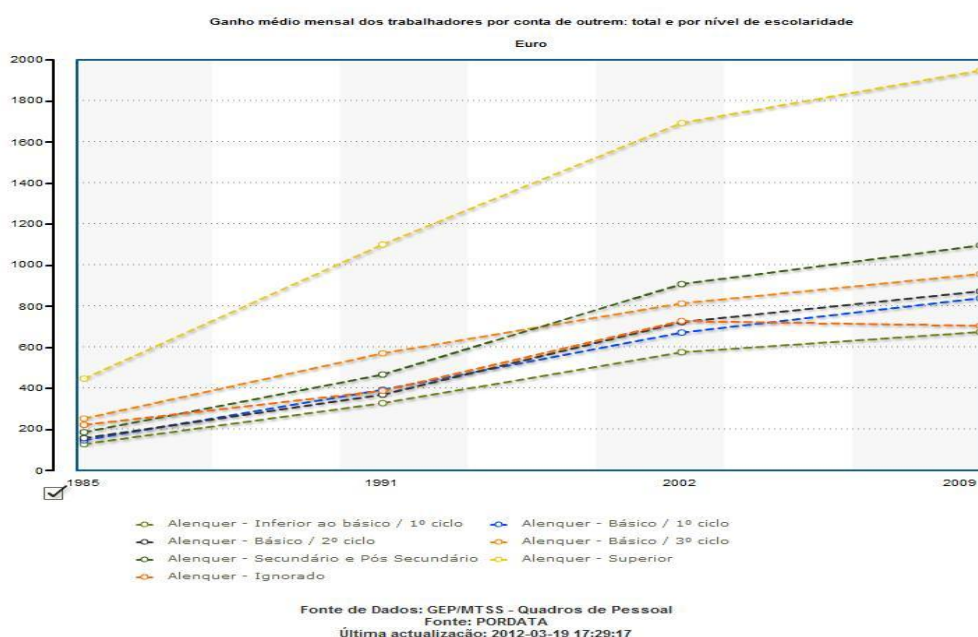
Gráfico 14:



Num contexto de incerteza e imprevisibilidade da evolução da atividade económica, é difícil identificar áreas fortes ou *clusters* prometedores para evolução económica do concelho no médio prazo; nem é essa a função do diagnóstico estratégico que aqui nos ocupa. Porém, nenhuma forma de planeamento estratégico do concelho, da sua rede escolar, ou da oferta educativa de um Agrupamento escolar no concelho pode obliterar ou ignorar esta dualidade fundamental do território concelhio.

O Gráfico 15 apresenta os dados relativos aos ganhos dos trabalhadores por nível de escolaridade. Revela claramente o papel da escolarização nos rendimentos e, assim, evidenciam o papel socioeconómico fundamental das escolas públicas e do AEDG em particular, destacando o «prémio salarial» do Ensino Superior:

Gráfico 15



O Agrupamento de Escolas Damião de Goes posiciona-se neste enquadramento socioeconómico particular: é, em conjunto com o Agrupamento de Escolas do Carregado, a expressão da vitalidade e mudança estrutural rápida do quadrante dinâmico do concelho. Ao mesmo tempo, pode ser um potencial fator de desaceleração do esvaziamento demográfico e da «morte socioeconómica» da maior parte do território concelhio, onde, mais cedo ou mais tarde, deverão ocorrer processos de reconversão económica ou requalificação do espaço rural. Em suma, o Agrupamento de Escolas Damião de Goes assume-se como um aliado estratégico no desenvolvimento local, desempenhando nele uma missão específica.

### 3.O AGRUPAMENTO

#### 3.1.AS FAMÍLIAS E OS ALUNOS

O Agrupamento de Escolas Damião de Goes foi criado por Despacho do Diretor Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo de julho de 2010. Determinou a fusão do Agrupamento de Escolas Pêro de Alenquer com a Escola Secundária Damião de Goes, a que se seguiu a constituição de uma Comissão Administrativa Provisória. A sua criação recente, fundindo numa nova unidade orgânica as escolas/agrupamentos anteriores, embora não inviabilize em absoluto, complica sobremaneira o tratamento conjunto de dados de diagnóstico provenientes de duas organizações com procedimentos, instrumentos e históricos de autoavaliação nem sempre coincidentes. Nomeadamente, a sua inserção numa série temporal de três ou quatro anos teria interesse analítico inegável. No entanto, como se observou no *Relatório de autoavaliação* relativo ao ano de 2011-2012, tal não é facilmente realizável até ao

estabelecimento de um novo dispositivo integrado de autoavaliação; este é, ao mesmo tempo, um problema e uma área de intervenção prioritária.

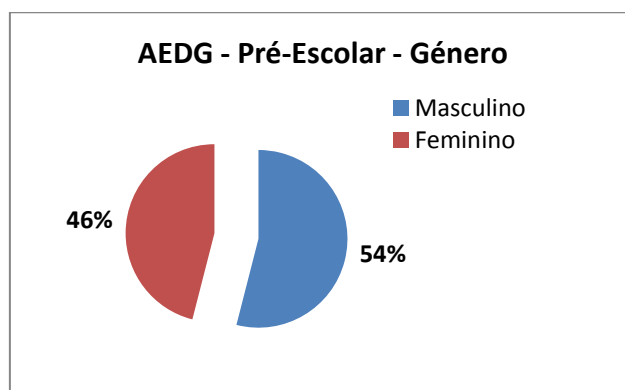
Deste modo, a caracterização da comunidade escolar que se segue baseia-se nos dados de caracterização das turmas no ano escolar de 2012-2013 e no *Relatório de Autoavaliação* relativo ao ano escolar 2011-2012. É um retrato, necessariamente incompleto, da situação atual, nos seus aspetos mais significativos ou característicos, mas corresponde à otimização da informação mais fiável disponível, e permite, ainda assim, traçar uma visão global das escolas e da comunidade escolar.

### 3.1.1.Os alunos

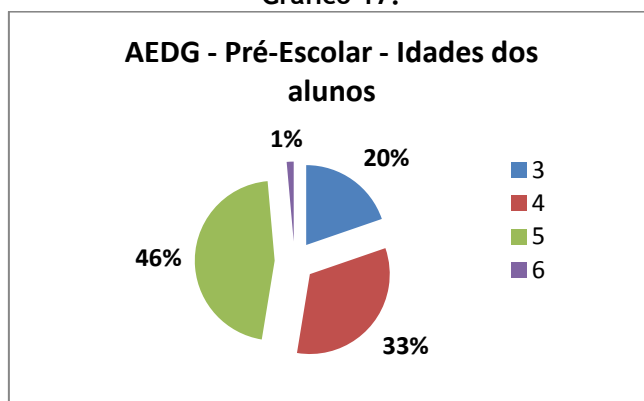
O Agrupamento de Escolas Damião de Goês tem cerca de 3000 alunos. No caso da educação pré-escolar e dos três ciclos do ensino básico, são oriundos das famílias residentes nas freguesias de Triana, Santo Estevão e Santana da Carnota, perfazendo um pouco mais de metade da população escolar do Agrupamento (1650 alunos). No nível secundário de educação, o Agrupamento acolhe na escola sede (Escola Secundária Damião de Goês - ESDG) alunos provenientes de todo o território concelhio (dos outros três Agrupamentos: Carregado, Abrigada e Merceana) e ainda, cada vez mais, de concelhos vizinhos, num total de 897 alunos. A escola sede oferece ainda ensino secundário recorrente e cursos de educação e formação de adultos em regime noturno (atualmente 481 alunos).

Quanto à educação pré-escolar, os Gráfico 16 e 17 apresentam o perfil dos alunos:

**Gráfico 16:**



**Gráfico 17:**

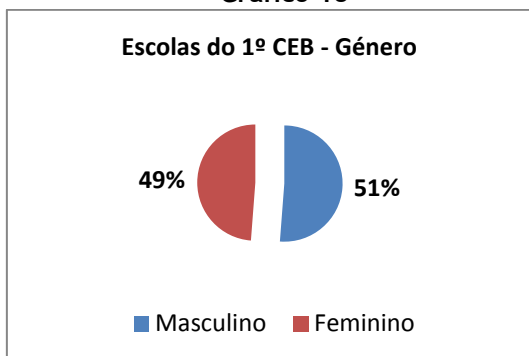


O que podemos destacar é o alargamento da cobertura às crianças com 4 e 3 anos de idade, aproveitando a crescimento da capacidade de acolhimento com a construção do Centro Escolar de Paredes.

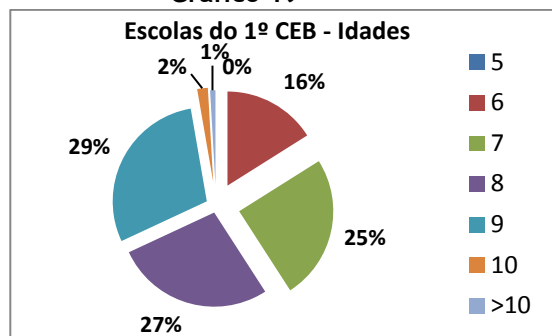


No respeitante ao 1º ciclo do Ensino Básico, os Gráficos 18 e 19 caracterizam a população escolar no Agrupamento:

**Gráfico 18**

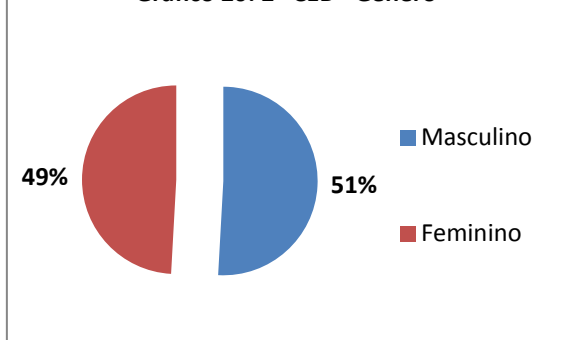


**Gráfico 19**

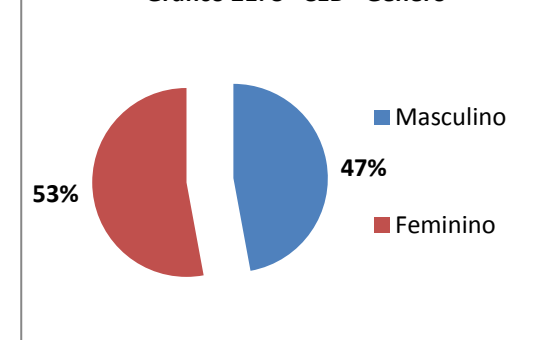


Os gráficos seguintes apresentam as características dos alunos os restantes ciclos do Ensino Básico:

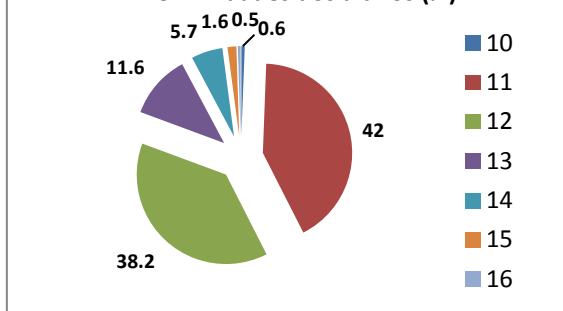
**Gráfico 20: 2º CEB - Género**



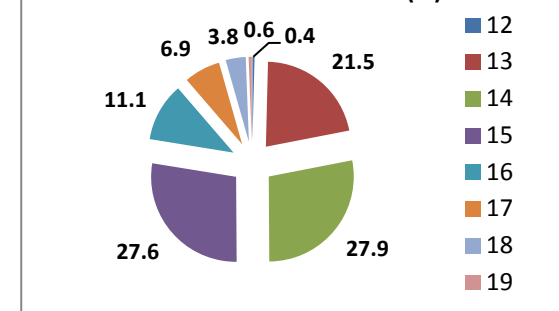
**Gráfico 21: 3º CEB - Género**



**Gráfico 22:  
2º CEB - Idades dos alunos (%)**



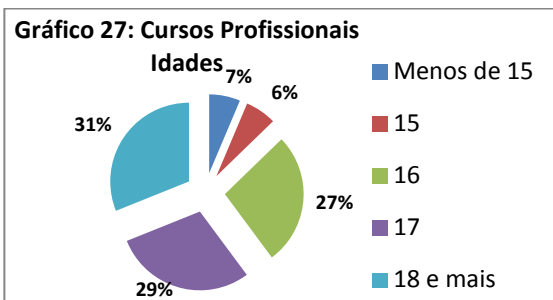
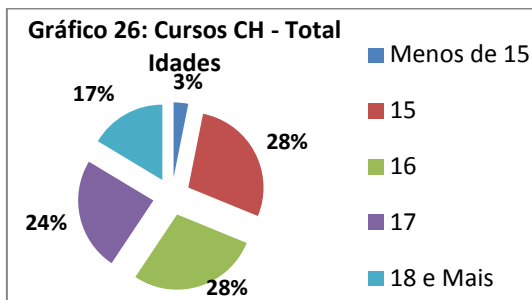
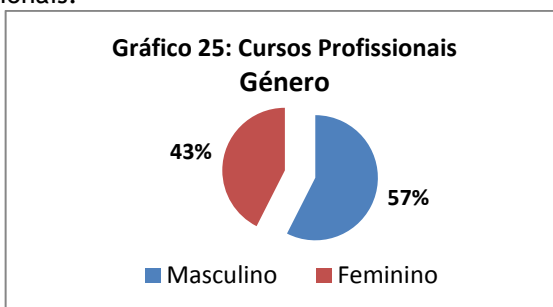
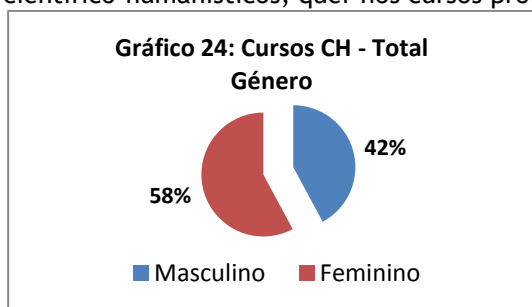
**Gráfico 23:  
3º CEB - Idades dos Alunos (%)**



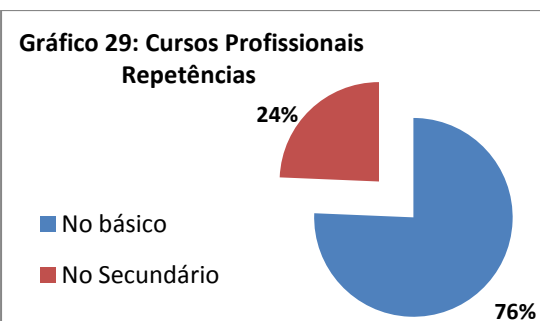
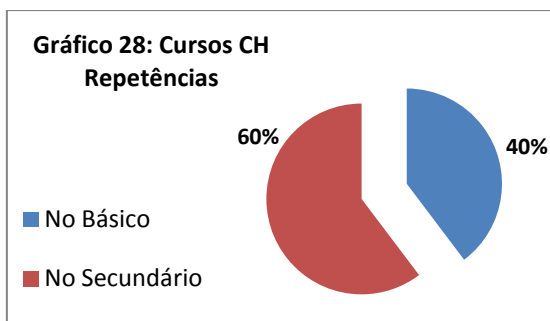
Se em relação ao 1º ciclo verificámos o equilíbrio etário da população escolar do Agrupamento, nos segundo e terceiro ciclos já se observa a presença de alunos com idades superiores à «idade normal» de frequência, tornando evidentes indícios de insucesso escolar e repetências.



O mesmo acontece com os dados relativos ao nível secundário de educação, quer nos cursos científico-humanísticos, quer nos cursos profissionais:

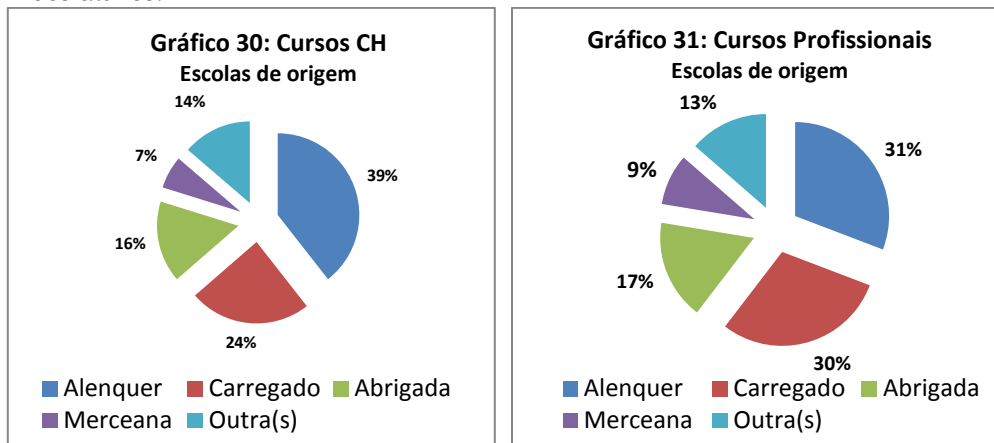


A composição etária e em género da população escolar da ESDG revela a especificidade da sua população alvo: verifica-se a predominância masculina nos cursos profissionais e uma maior presença de alunos com 18 e mais anos, denunciando retenções e percursos escolares menos fluidos. O inverso nos cursos orientados para o prosseguimento de estudos. Os gráficos seguintes expõem com clareza, este histórico de insucesso:



Nos cursos científico-humanísticos (CCH), dos alunos com repetências, a maioria teve-as já no nível secundário de educação; ao invés, nos cursos profissionais, a maioria dos alunos com repetências ocorreu no ensino básico. Os dados evidenciam que a orientação para formações voltadas para a integração no mercado de trabalho se faz sentir em alunos já com algum historial de insucesso escolar. Ao mesmo tempo, revela que, para muitos alunos dos CCH, o insucesso é experimentado pela primeira vez no ensino secundário.

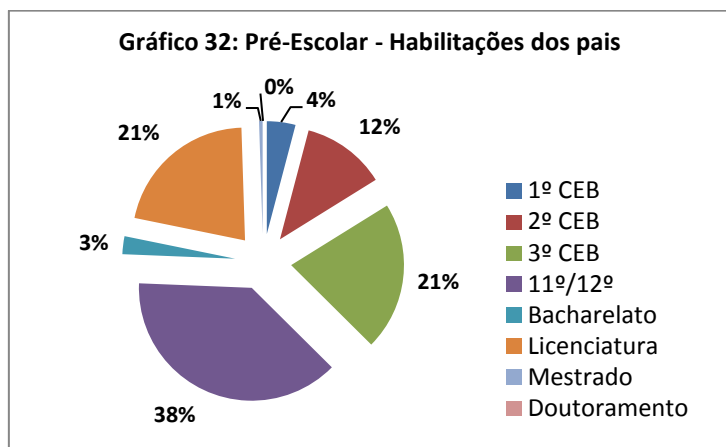
Por fim, em relação ao ensino secundário, importa considerar a Escola (ou Agrupamento) de origem dos alunos:



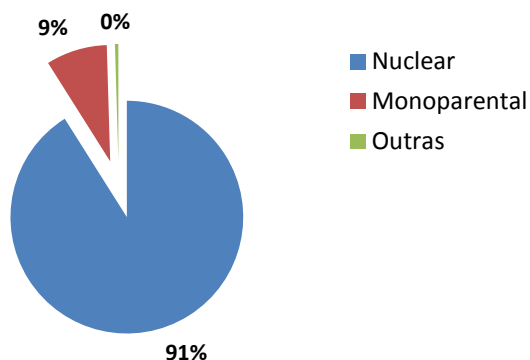
Os dados mostram a predominância dos alunos provenientes dos territórios educativos das freguesias «urbanas», como seria de esperar. Sublinhe-se ainda o papel significativo dos alunos provenientes de áreas fora do concelho, evidenciando alguma atratividade do Agrupamento.

### 3.1.2.As famílias

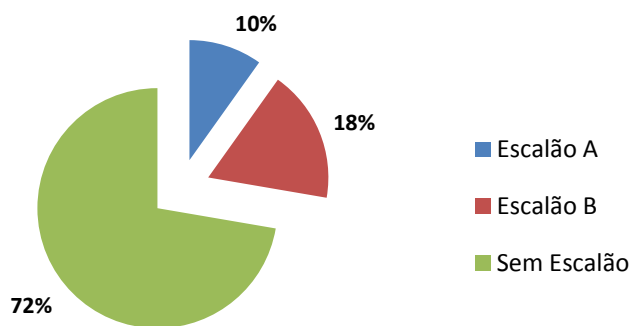
As famílias têm um papel central na comunidade escolar pois são as principais destinatárias do serviço público de educação e as aliadas estratégicas fundamentais para a ação educativa da escola. No que respeita à caracterização das famílias, socorremo-nos de alguns indicadores mais relevantes, nomeadamente a tipologia familiar dos agregados, as habilitações académicas dos pais e os apoios sociais no âmbito da Ação Social Escolar (ASE). No caso da educação pré-escolar, os dados são os seguintes:



**Gráfico 33: Pré-Escolar - Tipologia familiar**

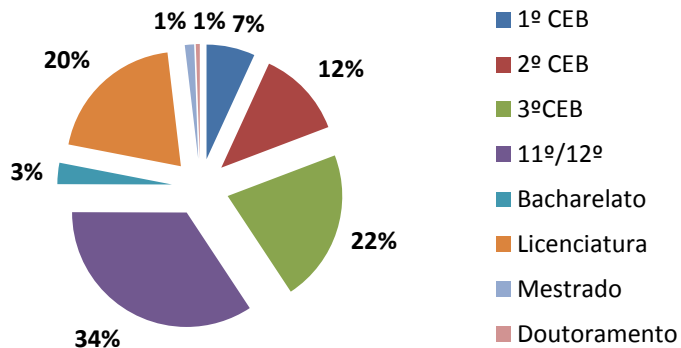


**Gráfico 34: Pré-Escolar - Apoios ASE**

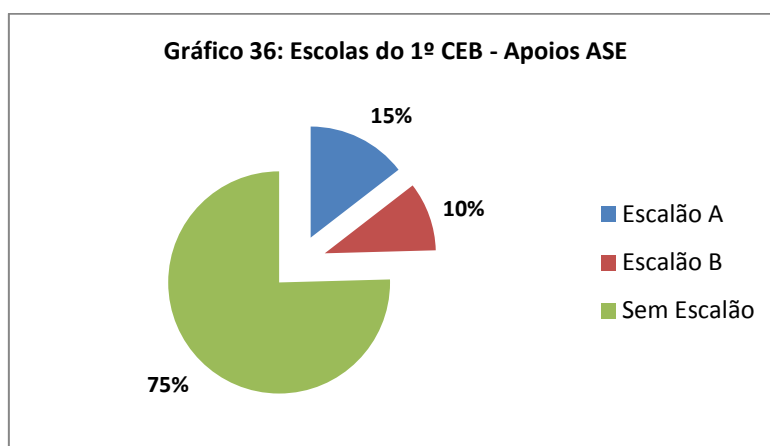


Os dados apurados, se os compararmos com os da Escolarização da População<sup>3</sup> total do concelho, evidenciam como o público servido pelo Agrupamento não é representativo da população concelhia; é um público-alvo mais jovem, escolarizado e mais urbano (ou, em rigor, suburbano). Avulta ainda a presença das dificuldades económicas atuais, no número significativo de alunos com apoios no âmbito da ASE.

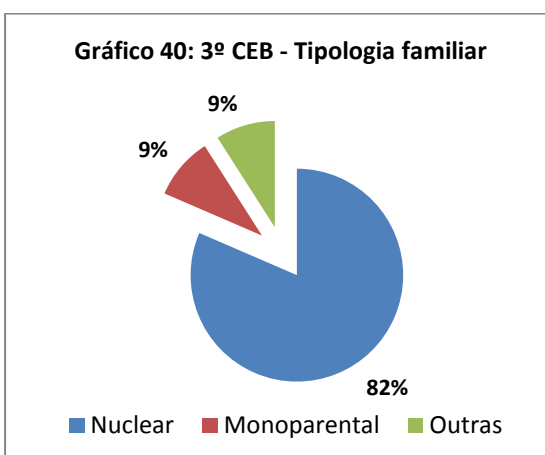
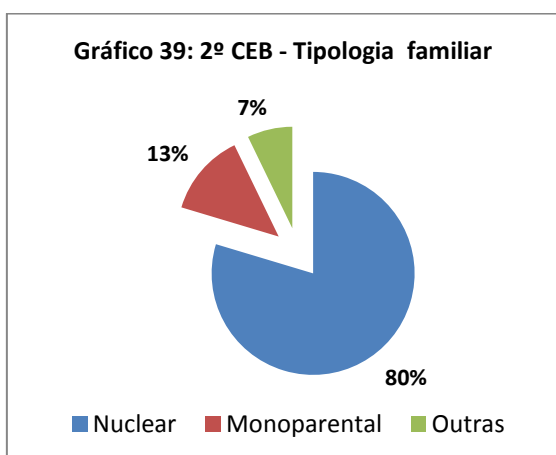
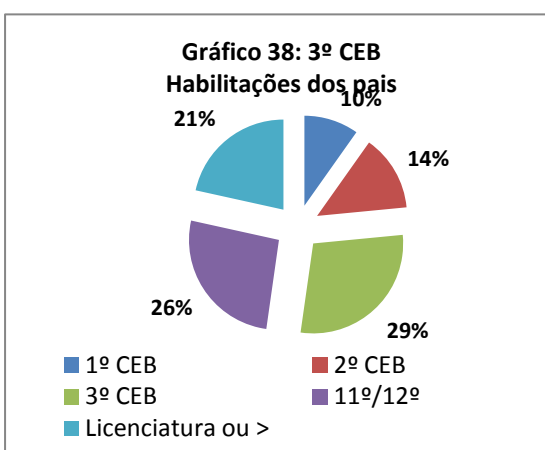
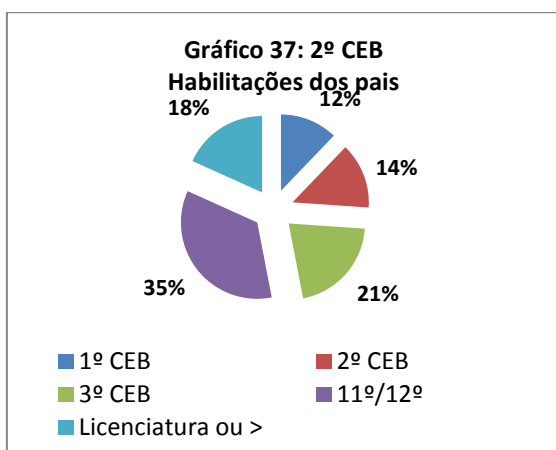
**Gráfico 35: Escolas do 1ºCEB - Habilitações dos pais**



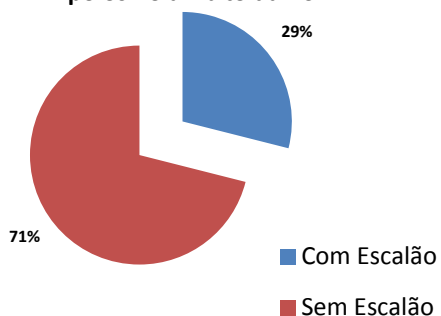
<sup>3</sup> Cf. Quadro 2, página 10.



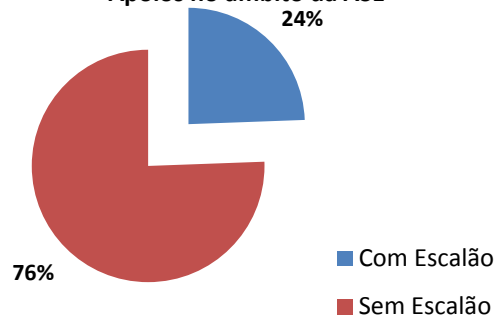
Os dados do 1º ciclo confirmam as observações anteriores. Observemos os restantes ciclos do ensino básico:



**Gráfico 41: 2º CEB**  
**Apoios no âmbito da ASE**



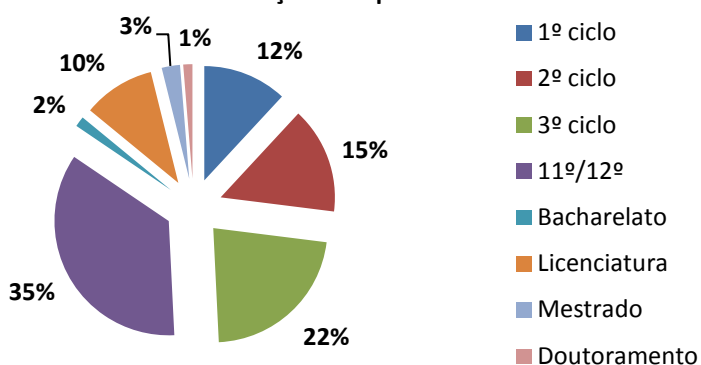
**Gráfico 42: 3º CEB**  
**Apoios no âmbito da ASE**



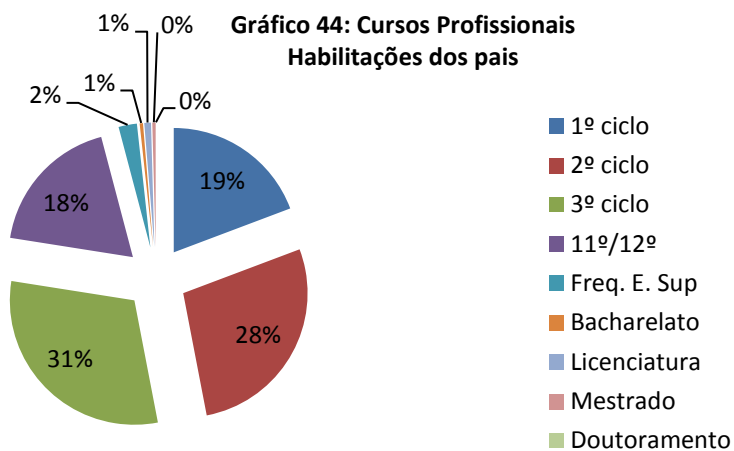
O mais notável nos dados acima é a maior incidência de tipologias familiares menos tradicionais e a proporção significativa de famílias com apoios sociais no âmbito da Ação Social Escolar.

No nível secundário de educação, refira-se que a composição da população escolar resultante do alargamento da escolaridade obrigatória só se reflete, neste ano letivo, no 10º ano.

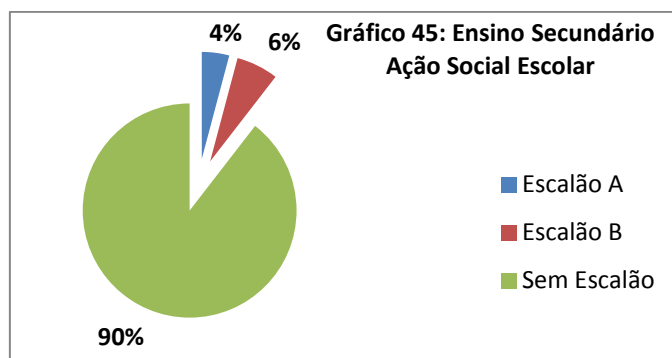
**Gráfico 43: Cursos CH**  
**Habilitações dos pais**



**Gráfico 44: Cursos Profissionais**  
**Habilitações dos pais**



É de notar neste indicador a diferença acentuada entre as modalidades de ensino quanto ao nível de escolarização dos pais, denunciando a permanência de um efeito de «reprodução do capital escolar» que o ensino público ainda não foi capaz de reduzir eficazmente.

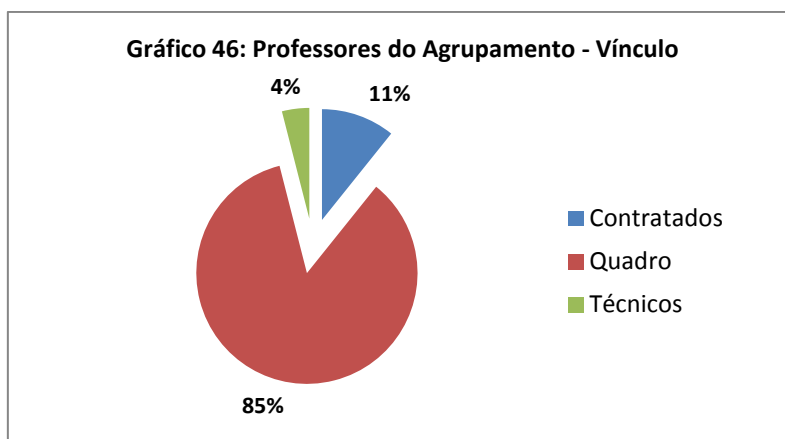


O Gráfico 45 ilustra a baixa cobertura da Ação Social Escolar no nível secundário, sendo previsível o crescimento das famílias mais carenciadas na medida da progressão da generalização da escolaridade obrigatória até aos 18 anos.

### 3.2.OS DOCENTES

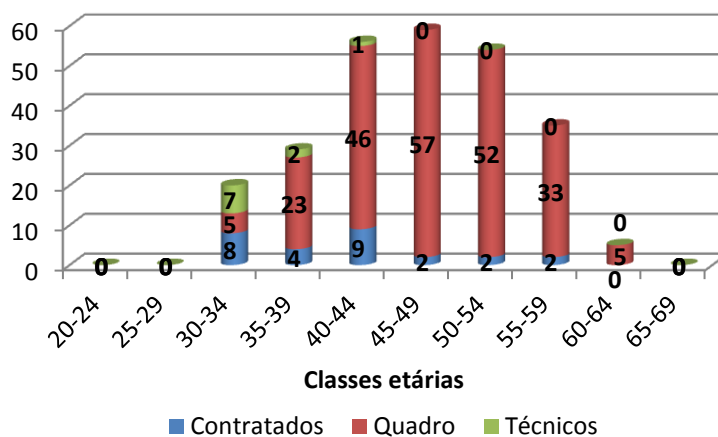
O pessoal docente constitui o centro da ação educativa das escolas, sendo o ensino o *core business* da Escola Pública, não obstante não ser esta a sua função exclusiva. Na verdade, múltiplas funções e expectativas sociais convergem quanto ao trabalho pedagógico dos docentes que, sendo o maior grupo dos profissionais envolvidos no serviço público educativo, complexificam e amplificam a visibilidade social e o controlo/reconhecimento público da ação das escolas.

Os dados referentes a 2012-2013 apresentam o seguinte perfil dos docentes:

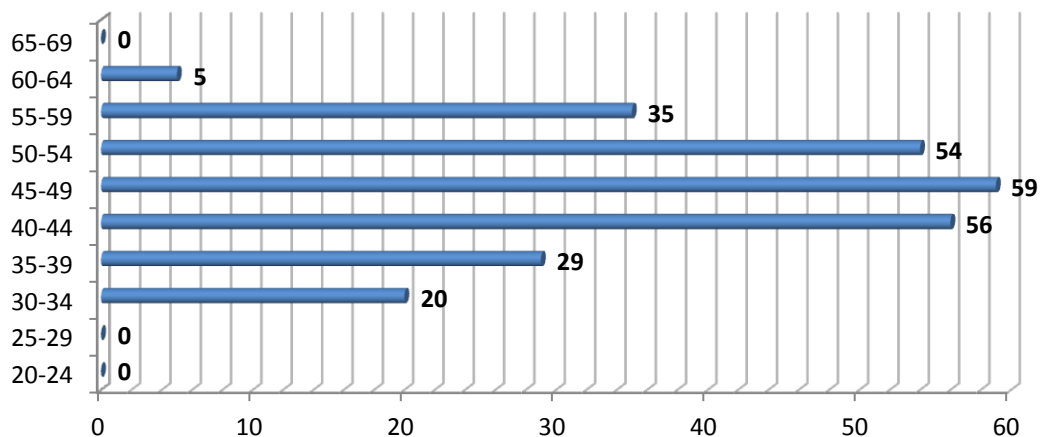


**Gráfico 47: Professores do Agrupamento**

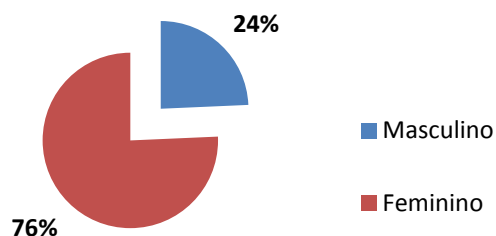
Idades por tipo de vínculo



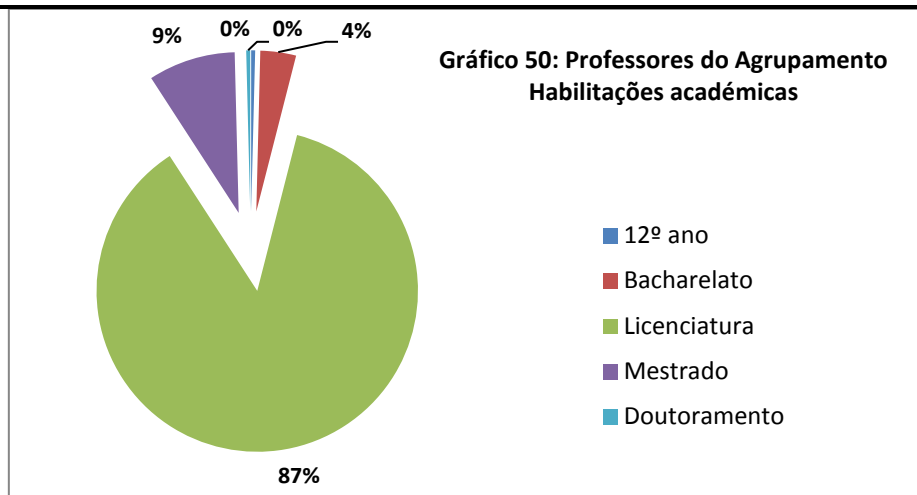
**Gráfico 48: Professores do Agrupamento - Idades**



**Gráfico 49: Professores do Agrupamento - Género**



Os dados descrevem um corpo docente predominantemente feminino, maduro (com tendência para o envelhecimento) e estável; o seu perfil de formação académica completa o quadro:

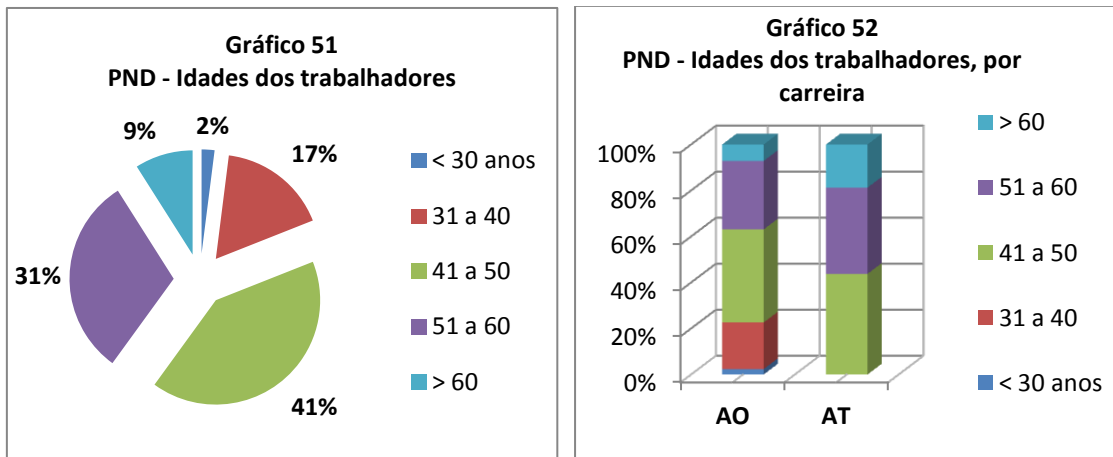


Os níveis de habilitações extremos (12º ou doutoramento) são residuais, sendo a esmagadora maioria dos docentes qualificados para o exercício das funções.

Como único aspeto a merecer alguma atenção no médio prazo refira-se a tendência (que, decerto, não será exclusiva deste Agrupamento) para um envelhecimento progressivo do quadro de docentes, desacelerado pela recente aposentação dos mais velhos e experientes, mas que se acentuará com novos limites ou desincentivos à aposentação no futuro. Tal facto trará, decerto, novos problemas quanto à flexibilidade e adaptabilidade dos docentes às constantes e contínuas exigências do sistema educativo.

### 3.3. PESSOAL NÃO DOCENTE

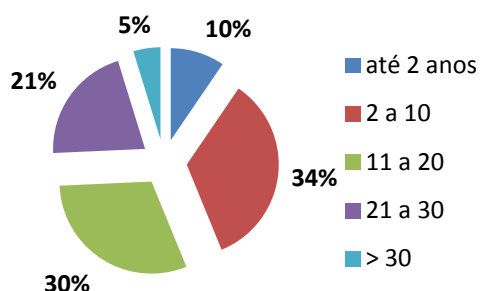
Quanto ao Pessoal Não Docente (PND) os dados de caracterização evidenciam diferenças acentuadas entre carreiras:



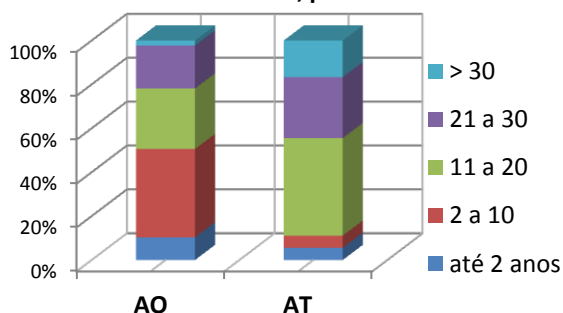
Verifica-se um acentuado envelhecimento dos trabalhadores não docentes no geral (40% com mais de 50 anos) e, por carreira, particularmente agudo na carreira de Assistente Técnico (AT). Quanto ao tempo de serviço, indicador de experiência profissional e vínculo à organização à sua cultura, a situação descreve-se do seguinte modo:



**Gráfico 53: PND - Tempo de serviço dos trabalhadores**

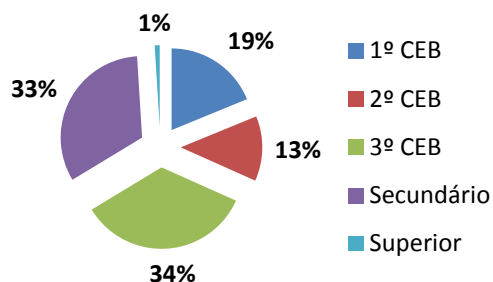


**Gráfico 54: PND - Tempo de serviço dos trabalhadores, por carreira**

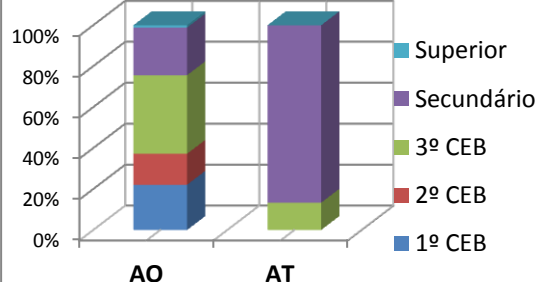


Uma vez mais, maior experiência e permanência nas funções do pessoal Assistente Técnico, menor permanência e experiência dos assistentes operacionais. Quanto às qualificações escolares, a mesma assimetria:

**Gráfico 55: PND - Habilitações dos trabalhadores**



**Gráfico 56: PND - Habilitações dos trabalhadores, por carreira**



Em síntese, temos trabalhadores não docentes na categoria AO, os que lidam mais direta e quotidianamente com os alunos, experientes mas menos habilitados, maioritariamente acima dos 40 anos. Do lado dos Assistentes Técnicos, temos trabalhadores mais experientes (a maioria com mais de 20 anos de serviço), mais velhos (a maioria com mais de 50 anos), mas mais habilitados. Este perfil do PND do Agrupamento não pode deixar de suscitar reflexão e medidas no âmbito da gestão das pessoas.

### 3.4. CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS

O Agrupamento de Escolas Damião de Goes constituiu-se em agosto de 2010 por imposição dos serviços da Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo, adiante referida como DRELVT, contra os pareceres dos conselhos gerais e das direções executivas do Agrupamento de Escolas Pêro de Alenquer e Escola Secundária Damião de Goes, do município de Alenquer e do Conselho Municipal de Educação do Concelho de Alenquer.

O Agrupamento engloba estabelecimentos do ensino pré-escolar e do 1º ciclo, 2º e 3º ciclos e Secundário (Científico- Humanístico, profissionais, Recorrente e Educação e Formação de Adultos), abrangendo cerca de 3000 alunos.

O Agrupamento integra os seguintes Estabelecimentos de Educação e Ensino:

- Escola do 1º ciclo de Alenquer
- Escola do 1º ciclo de Cheganças
- EB1 /JI de Santana da Carnota
- Escola E. B. 2, 3 Pêro de Alenquer
- Centro Escolar de Alenquer (1º ciclo e J.I.)
- Escola Secundária Damião de Goes (Escola Sede)

Estes Estabelecimentos de Educação e Ensino distribuem-se numa área em torno da Escola Sede com uma distância máxima de 15 km. A Escola Sede do Agrupamento é a Escola Secundária Damião de Goes.

#### a) Escola do 1º ciclo de Alenquer

A EB1 de Alenquer situa-se na Rua dos Guerras, em pleno centro de uma vila semirrural/urbana, que dista de Lisboa cerca de 40km. Está situado numa encosta, num edifício de tipo OT (outros tipos) com cerca de 40 anos.

Dada a sua implantação no terreno, tem uma escadaria de acesso íngreme e perigosa, especialmente em dias de chuva.

O edifício tem dois pisos. No rés-do-chão, possui cinco salas de aula, sala de professores, gabinete de direção, 3 arrecadações e instalações sanitárias do sexo masculino. No primeiro piso, há 3 salas de aula, uma sala polivalente, uma despensa, uma cozinha, um refeitório, um espaço de armazém ao qual chamamos papelaria e sanitários do sexo feminino.

O espaço exterior circundante tem algumas árvores, mas não possui acesso para os alunos, pois o terreno é íngreme, encontrando-se por isso vedado.

Possui dois pátios planos ao nível dos respetivos pisos, onde são passados os intervalos, quando não chove. No espaço circundante, tanto ao nível do piso inferior como do superior existem duas artérias fulcrais de acesso à vila baixa e à vila alta.

O edifício é bastante húmido e frio no inverno o que o torna desconfortável. Tornando-se excessivamente quente e abafado na primavera.

#### b) Escola do 1º ciclo de Cheganças

A escola funciona num edifício novo, inaugurado no ano letivo 2000/2001.

É constituída por um hall de entrada, duas salas de aula, casas de banho para alunos e professores, um gabinete, um refeitório com uma pequena cozinha e várias arrecadações.

O espaço destinado ao recreio é amplo, de piso regular, com parque infantil e uma área coberta para os dias de chuva.

#### c) EB1 /JI de Santana da Carnota

##### LOCALIZAÇÃO:

Largo 25 de Abril - Santana da Carnota

2580 - 154 Carnota - Alenquer

O Estabelecimento de Ensino de Santana da Carnota é composto pela Escola do 1º ciclo e pelo Jardim de Infância. Está situado no centro da localidade e rodeado por muitos espaços verdes, por algumas moradias unifamiliares, pela Junta de Freguesia e Igreja.

O edifício escolar tem cerca de 60 anos e é constituído por:

- Duas salas de aula;
- Duas salas de entrada cobertas;
- Dois alpendres;
- Oito casas de banho;
- Uma arrecadação;
- Um parque infantil.

O Jardim de Infância, por sua vez, é um edifício mais recente, com uma arquitetura mais moderna e é composto por:

- Uma sala de entrada;
- Uma sala de atividades;
- Uma sala de reuniões;
- Um refeitório;
- Uma cozinha;
- Uma arrecadação;
- Uma casa de banho de adultos;
- Duas casas de banho para crianças.

#### d) Escola Básica 2.3 Pêro de Alenquer

##### LOCALIZAÇÃO:

Avenida Dr. Teófilo Carvalho dos Santos  
2580-355 ALENQUER

##### CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA:

###### TIPO DE CONSTRUÇÃO:

Sistema Construtivo	Industrial Pesada
Estrutura - Tipo	Paredes resistentes
Estrutura - Material	Betão Armado
Pavimentos	Betão Armado / outros
Cobertura - Tipo	Telhado
Cobertura - Estrutura	Betão
N.º de Pisos	3
Tipo de Projecto	Bloco Quadrado

##### SALAS:

- Salas não específicas - 18
- Laboratórios - 5 <sup>\*4</sup>
- Salas de Trabalhos Oficiais/ Educação Tecnológica - 4
- Salas de Educação Visual - 2
- Salas de Educação Musical - 1
- Salas de Tecnologia Informação e Comunicação - 2
- Bloco com Refeitório<sup>\*\*5</sup> e uma sala adaptada para Sala de teatro

##### OUTROS ESPAÇOS:

- BE - Biblioteca Escolar
- Bar/ Bufete/ Sala de Convívio
- Sala de Cinema / Karaoke
- Sala de Tecnoarte

##### HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

A Escola abre as suas portas aos alunos às 8:00 horas e encerra às 18:30 horas. No entanto as assistentes operacionais entram pelas 7:30 horas iniciando parte da limpeza, uma vez que desde 2011/2012 não existe empresa de limpeza, e saem pelas 19:30 horas, concluindo a limpeza dos espaços escolares.

#### e) Centro Escolar de Alenquer (1º ciclo e J.I.)

##### Localização e enquadramento das instalações:

O Centro Escolar de Alenquer encontra-se localizado na Rua Orlando Jorge Pereira, Freguesia de Santo Estêvão, Concelho de Alenquer.

##### Descrição das Instalações:

O Centro Escolar funciona em edifício único com 2 pisos, construído em 2008 e inaugurado a 18 de fevereiro de 2009.

<sup>4</sup> \*Algumas das salas aqui denominadas como laboratórios dificilmente podem ser consideradas como tal - efetivamente são salas normais mas com bancadas e ponto de água corrente. São em número insuficiente para as necessidades o que dificulta sobremaneira a elaboração dos horários.

<sup>5</sup> \*\*O Refeitório é partilhado com a Escola Secundária Damião de Goes

### Caraterização dos edifícios:

A construção é do tipo tradicional, com uma estrutura em betão armado, incluindo a sua cobertura. O pavimento exterior é revestido com lajes de cimento em betão, ginásio revestido a PVC puro - desportivo, tipo Taraflex Sport 3D, colorido, com 8 mm espessura.

O campo de jogos tem pavimento desportivo prefabricado "Tensouple"-EPDM constituído por grânulos EPDM e cola de poliuretano, com a espessura de 5mm de cor vermelha.

O parque infantil é revestido a borracha Etileno-Propileno-Dieno (EPDM).

As compartimentações das grandes áreas são revestidas a ladrilho. O edifício é composto por dois pisos com a seguinte descrição:

Piso 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ 10 Instalações Sanitárias (5 F e 5 M)</li> <li>➤ 12 Salas de Aula - Escola Básica</li> <li>➤ 2 Balneários de Deficientes (1 F e 1 M)</li> <li>➤ 2 Instalações sanitárias de Deficientes</li> <li>➤ 2 Instalações Sanitárias - Jardim de Infância (1 F e 1 M)</li> <li>➤ 2 Parques Infantis</li> <li>➤ 2 Salas Polivalente</li> <li>➤ 4 Balneários de Pessoal (2 F e 2 M)</li> <li>➤ 4 Salas de ATL</li> <li>➤ 8 Espaços de arrumos</li> <li>➤ 9 Salas de Aula - Jardim de Infância</li> <li>➤ Arrecadação de Ginásio</li> <li>➤ Arrumos - Jardim de Infância</li> <li>➤ Arrumos - Material de Jardinagem</li> <li>➤ Campo Polidesportivo</li> <li>➤ Central Térmica</li> <li>➤ Cozinha</li> <li>➤ Ginásio Polidesportivo</li> <li>➤ Instalação Sanitária M/F</li> <li>➤ Lixos Camarários</li> <li>➤ Refeitório</li> <li>➤ Sala de Apoio - Educadores</li> <li>➤ Sala de Apoio - Professores</li> <li>➤ Sala de Bastidor</li> <li>➤ Vestiário</li> </ul>
--------	--

<b>Piso 2</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ 2 Balneários de Pessoal (1 F e 1 M)</li> <li>➤ 2 Gabinetes</li> <li>➤ 2 Instalações Sanitárias Infantis (1 F e 1 M)</li> <li>➤ 2 Salas de Econmato</li> <li>➤ 4 Salas de Aula - Escola Básica</li> <li>➤ 6 Instalações Sanitárias (3 F e 3 M)</li> <li>➤ Acesso à cobertura</li> <li>➤ Arrumos</li> <li>➤ Atendimento</li> <li>➤ Átrio da Escola Básica</li> <li>➤ Átrio do Jardim Infantil</li> <li>➤ Biblioteca/Informática</li> <li>➤ Espaço Técnico</li> <li>➤ Espaço Técnico e Arrumos</li> <li>➤ Gabinete de Direção</li> <li>➤ Gabinete Médico</li> <li>➤ Guarda-vento - Escola Básica</li> <li>➤ Guarda-vento - Jardim Infantil</li> <li>➤ Instalação Sanitária dos deficientes</li> <li>➤ Sala de Atendimento</li> <li>➤ Sala de Bastidor e Informática</li> <li>➤ Sala de Direção</li> <li>➤ Sala de Direção e Coordenação</li> <li>➤ Sala de Direção Pedagógica</li> <li>➤ Sala de Educação Especial</li> <li>➤ Sala de Educadores</li> <li>➤ Sala de Isolamento</li> <li>➤ Sala de Pais</li> <li>➤ Sala de Pais</li> <li>➤ Sala de Professores</li> <li>➤ Secretaria</li> <li>➤ Secretaria</li> <li>➤ Varanda</li> </ul>
---------------	---

**f) Escola Secundária Damião de Góes (Escola Sede)**

**LOCALIZAÇÃO:**

Avenida Dr. Teófilo Carvalho dos Santos  
2580-355 ALENQUER

**CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA:**

**TIPO DE CONSTRUÇÃO**

Sistema Construtivo	Industrial Pesada
Estrutura - Tipo	Paredes resistentes
Estrutura - Material	Betão Armado
Pavimentos	Betão Armado / outros
Cobertura - Tipo	Telhado
Cobertura - Estrutura	Betão
N.º de Pisos	3
Tipo de Projeto	Bloco Quadrado

**SALAS:**

- Salas não específicas - 26
- Laboratórios - 5
- Salas de Artes - 3
- Salas de Tecnologia Informação e Comunicação - 5
- Bloco com Refeitório\*\* e uma sala adaptada para sala de Teatro

\*\*O Refeitório é partilhado com a Escola Básica 2.3 Pêro de Alenquer

Relativamente às salas, o problema maior é o dos Laboratórios para ciências experimentais. Se tivermos em conta que o Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias é o que tem maior número de alunos em regime diurno, este problema torna-se ainda mais preocupante. A necessidade de oferecer instalações adequadas ao desenvolvimento da componente experimental dos programas de Física, Química, Biologia e Geologia em condições, não apenas de eficácia, mas sobretudo de segurança, é um dos maiores problemas com que a escola se defronta. É um problema que há muito já não depende da vontade e da capacidade da escola, que já empreendeu todas as diligências possíveis para ultrapassar a situação: já existiram visitas de responsáveis regionais e nacionais do MEC, já se ativaram parcerias com a autarquia local, já foi definida a implantação do futuro bloco de laboratórios, havendo numa 1ª fase projeto de arquitetura do mesmo. Mais recentemente a escola esteve na 3ª fase do Plano de Requalificação do parque escolar a cargo da empresa Parque Escolar, tendo projeto de arquitetura aprovado. Em 14 de novembro de 2011 recebemos uma comunicação do senhor Ministro da Educação e Ciência que referia ter o projeto ficado suspenso aguardando reformulação. A diretora e o subdiretor do AEDG foram recebidos em fevereiro de 2013 pelo senhor Diretor Geral de Estabelecimentos Escolares na companhia do senhor presidente da Câmara de Alenquer e do seu Chefe de Gabinete, no sentido de perceber se de facto iria haver ou não intervenção. Nessa reunião foi-nos confidenciado que a Parque Escolar apenas iria concluir as obras já iniciadas. Ora como as nossas não chegaram a iniciar-se, o projeto na prática ficava sem efeito. Foi com algum espanto que recebemos alguns dias depois um *e-mail* da empresa Parque Escolar dizendo que o projeto continuava suspenso mas não cancelado.

Na referida reunião foi-nos prometido no entanto, realizar obras na cobertura do edifício dos laboratórios e do refeitório com urgência, atendendo ao facto da cobertura conter ainda amianto.

#### OUTROS ESPAÇOS:

- BE - Biblioteca Escolar
- Bar/ Bufete/ Sala de Convívio
- Sede da Associação de Estudantes - “Autocarro”
- Sala de reuniões
- Secretaria
- Salas de trabalho

#### HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

A Escola abre as suas portas aos alunos às 8:00 horas e encerra às 24:00 horas. A abertura do espaço escolar processa-se pelas 7h e30 minutos.

## 4.OFERTA EDUCATIVA/ PLANOS DE ESTUDOS

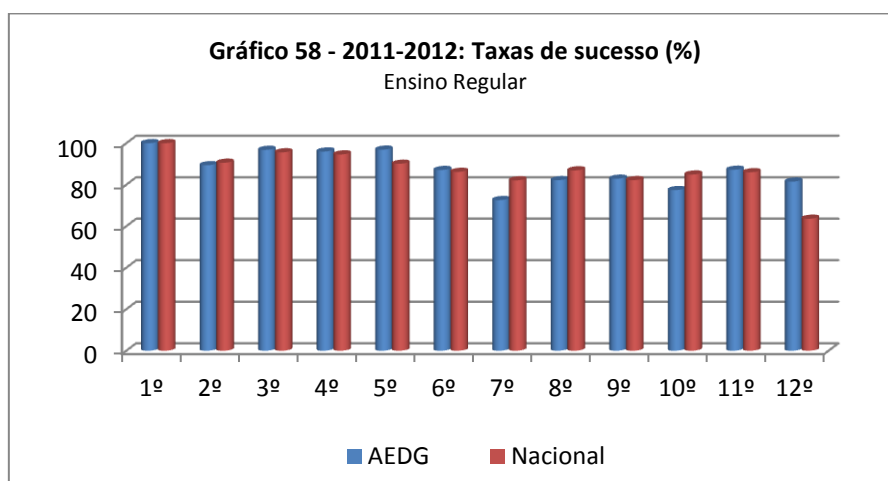
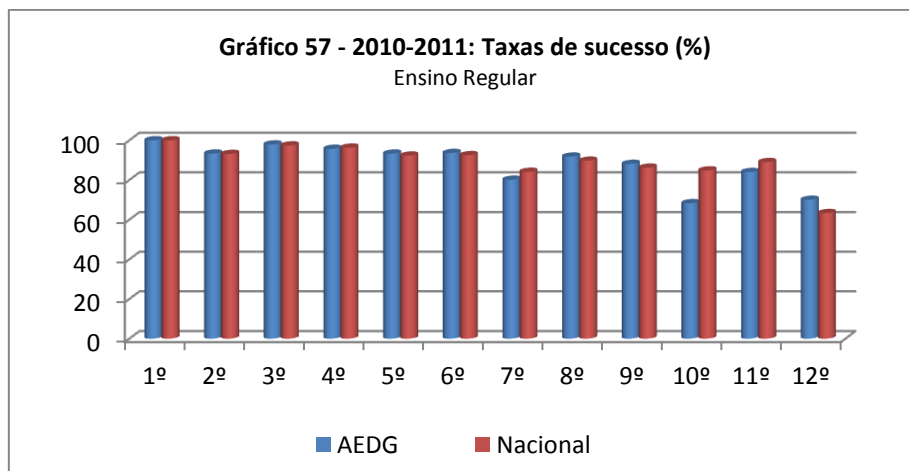
No respeitante à oferta educativa, a situação atual encontra-se apresentada no documento de setembro de 2012, *Planos de estudos*, que se anexa.

## 5.RESULTADOS ESCOLARES

Os resultados escolares, nomeadamente os indicadores de Sucesso, Taxas de Transição e Conclusão, Médias da Avaliação Interna e Externa e outro tipo de indicadores relativos ao desempenho escolar dos alunos, não são a única e exclusiva informação de avaliação relevante para o diagnóstico estratégico. O *Relatório de Autoavaliação 2011-2012* já tentou construir uma visão mais panorâmica do Agrupamento, dispensando-nos de reproduzir aqui as suas conclusões. No entanto, não podemos ignorar a relevância dos resultados escolares dos alunos como indicador do desempenho do Agrupamento, pois refere-se ao fulcro da ação educativa da Escola: a aprendizagem. Por isso, apresentamos uma resenha breve dos principais indicadores, comparando os dados do AEDG com os dados totais nacionais.

Observemos desde já que nos ocuparemos dos dois últimos anos escolares, em que passou a existir o Agrupamento. Os gráficos seguintes apresentam a situação referente às Taxas de Sucesso em cada um dos anos, por modalidade de ensino, distinguindo-se o Ensino Regular das

outras modalidades de ensino e formação, de características e com públicos substancialmente diferentes.



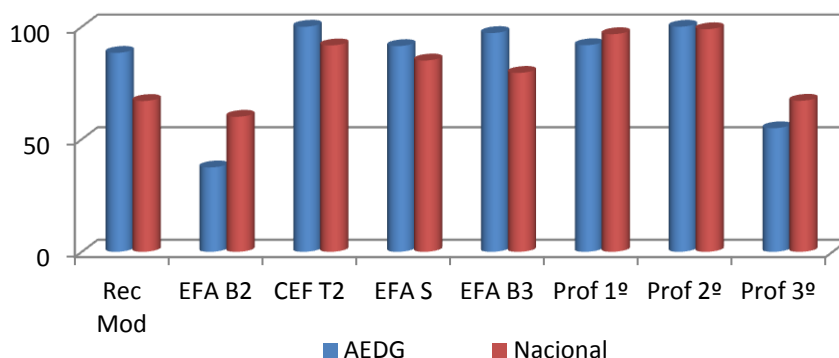
Numa perspetiva comparativa, se podemos afirmar genericamente que os resultados do AEDG alinham com os resultados nacionais, não deixa de ser verdade que se podem observar alguns desvios com significado, sobretudo nos 7º, 8º e 10º anos. É um problema já identificado e que parece relacionar-se com as mudanças de ciclo, das estruturas dos currículos e da própria natureza da organização do trabalho escolar; o mesmo se passa com o 10º ano de escolaridade. Neste caso, à mudança de ciclo soma-se a mudança de escola e localidade, para a maioria dos alunos. Subsistem «fossos» entre ciclos, de natureza curricular, mas também de estilos de ensino e formas de organização do trabalho escolar. Por esta razão, uma das áreas de intervenção prioritária desde há anos nas Escolas tem sido o estudo de formas de articulação vertical do currículo, mas os progressos são lentos e difíceis.

Noutras modalidades de ensino, os problemas são de natureza e gravidade diferente. Nos cursos com estrutura modular, são evidentes as dificuldades em conseguir uma regularidade dos ciclos formativos, acumulando-se módulos em atraso e reduzindo-se as taxas de conclusão dos cursos. As razões são várias e diferentes entre os cursos dirigidos a adultos e os cursos dirigidos a jovens, pelo que exigirão estratégias de resolução diferentes.

Os dados referentes a estas modalidades de ensino estão apresentados nos gráficos seguintes:

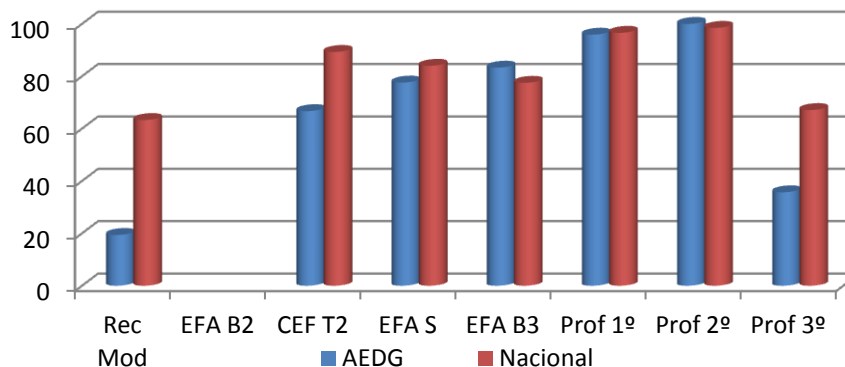
**Gráfico 59: 2010-2011: Taxas de sucesso (%)**

Outras modalidades de ensino e formação



**Gráfico 60: 2011-2012: Taxas de sucesso (%)**

Outras modalidades de ensino e formação

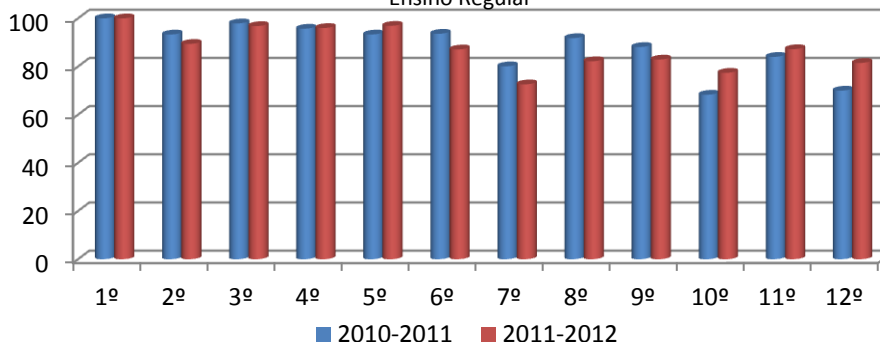


Nos cursos para adultos, em regime noturno (EFA's e Recorrente) a situação apresenta peculiaridades em função do seu público específico, os trabalhadores estudantes, e da evolução da oferta, que em 2011-2012 se limitava ao 12º ano no Ensino Recorrente. Já nas formações para jovens (CEF e Cursos Profissionais), ao atraírem estudantes com histórico de insucesso e, por vezes, graves dificuldades de aprendizagem, a estrutura modular dos cursos cria grandes problemas por acumulação de módulos em atraso que culminam na fraca taxa de conclusão dos cursos e acesso à formação em contexto de trabalho. Esta é, claramente, uma área de melhoria importante e prioritária.

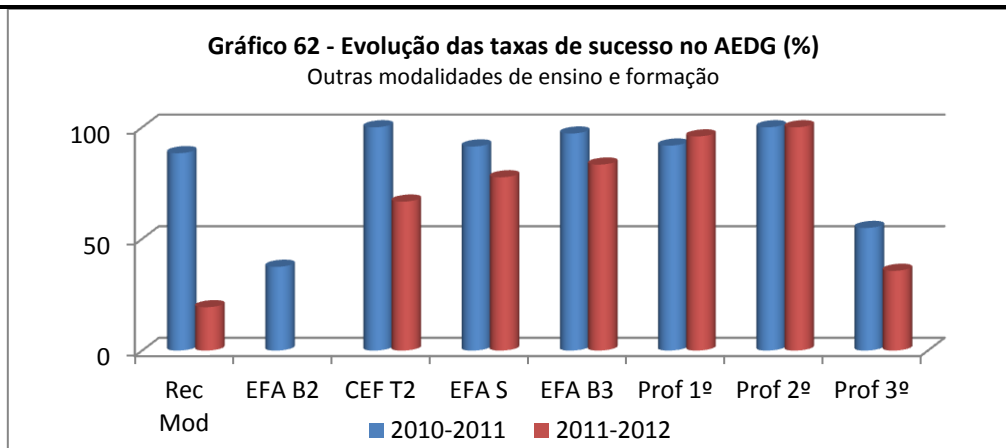
Numa perspetiva diacrónica, importa observar a evolução bianual, o tempo do AEDG:

**Gráfico 61 - Evolução das taxas de sucesso no AEDG (%)**

Ensino Regular

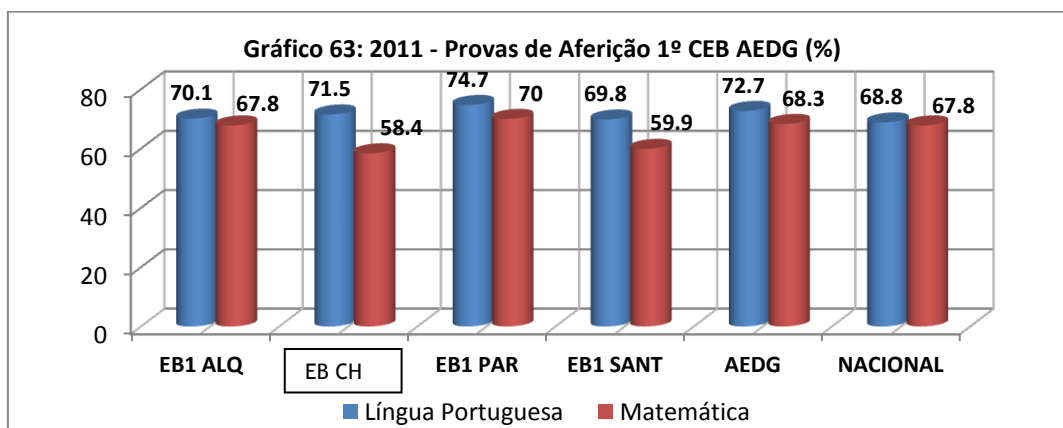






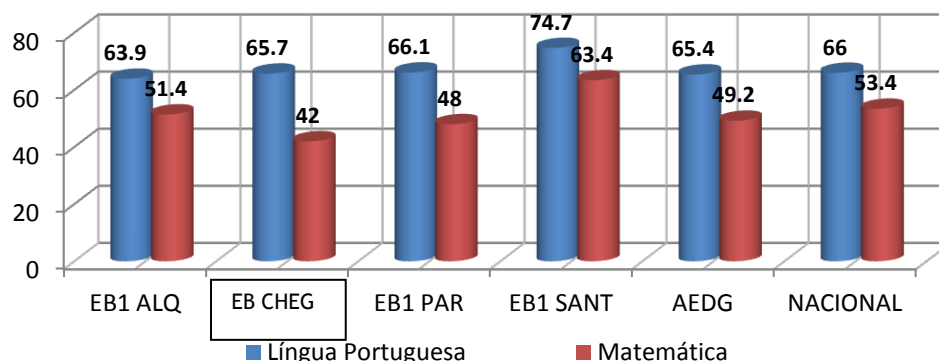
A oscilação dos valores, nunca de grande significado em termos absolutos, evidencia uma oscilação negativa, mas ligeira, do 6º ao 9º ano e, inversamente, uma oscilação positiva, também ligeira, do nível secundário, considerando os cursos «regulares». Tais oscilações de pequeno alcance são expectáveis e, como vimos, exceto nos casos já identificados, não representam desvios assinaláveis face aos valores nacionais. Porém, chamam a atenção para uma tendência crescente para problemas no ambiente escolar e no clima relacional com reflexo na aprendizagem nalguns níveis de ensino<sup>6</sup>, que deverão merecer ações de melhoria. Quanto às outras modalidades de ensino e formação, a tendência decrescente, nas modalidades de formação e ensino para adultos, refletirá a coexistência destas ofertas com os processos de RVCC no âmbito do Centro Novas Oportunidades - muitos dos adultos em RVCC, perante encaminhamento para formação, abandonaram ou adiaram os seus percursos formativos. Em relação às modalidades de educação e formação de jovens, reiteramos o que atrás dissemos sobre este tipo de formações; a acumulação de atrasos na conclusão de módulos de formação e a confluência para esta tipologia de formação de alunos com problemas de aprendizagem ou comportamentais concorrem para níveis de desempenho medíocres destas formações; porém, a nosso ver, deverão continuar a ser oferecidas alternativas deste tipo para assegurar o direito à educação e formação para todos. No respeitante aos Cursos Profissionais de nível secundário, a ligeira evolução positiva dos dois primeiros anos não anula o fraco desempenho na conclusão dos cursos, mas pode indiciar alguns progressos no corrente ano, no que respeita à taxa de conclusão. Mas não esconde o real problema da eficácia deste tipo de cursos com estrutura modular para jovens com défices de competências de estudo e comprometimento com a vida escolar.

Por fim, observemos a situação relativa aos resultados da avaliação externa dos alunos, as provas de aferição e exames finais. Continuaremos a usar como referência o biénio que se iniciou com o estabelecimento do AEDG.



<sup>6</sup> Ver Relatório de Autoavaliação: 2011-2012, pp.19-21 e página 28.

Gráfico 64: 2012 - Provas de Aferição 1º CEB AEDG (%)



Em 2011 as provas de aferição do 1º CEB estão acima da média nacional a Língua Portuguesa em todos os estabelecimentos; a Matemática, apenas os dois estabelecimentos mais pequenos ficam abaixo da média nacional, e o Agrupamento acima.

Gráfico 65: Evolução dos resultados das Provas de Aferição (%)

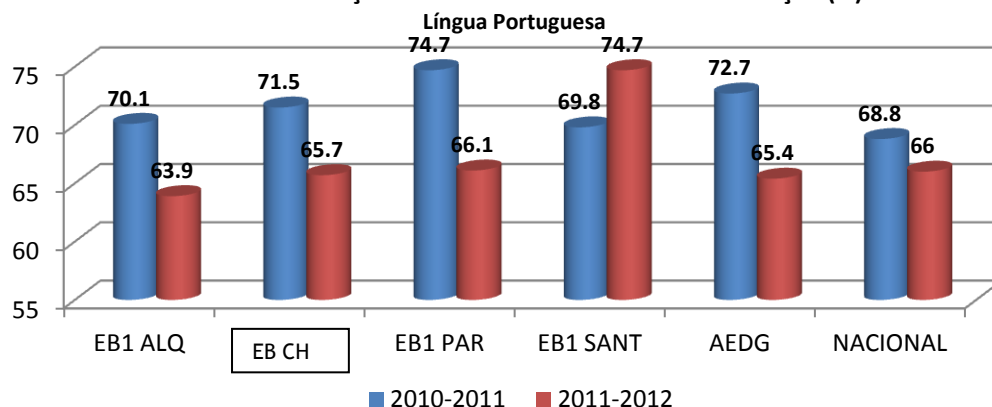
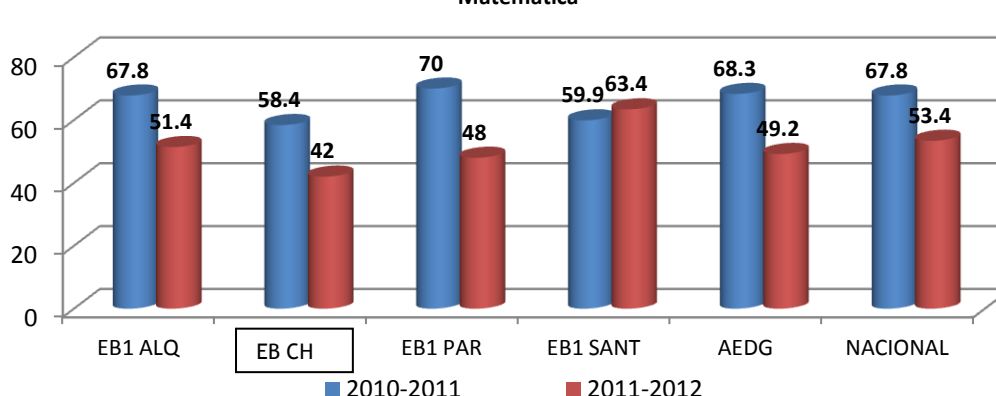
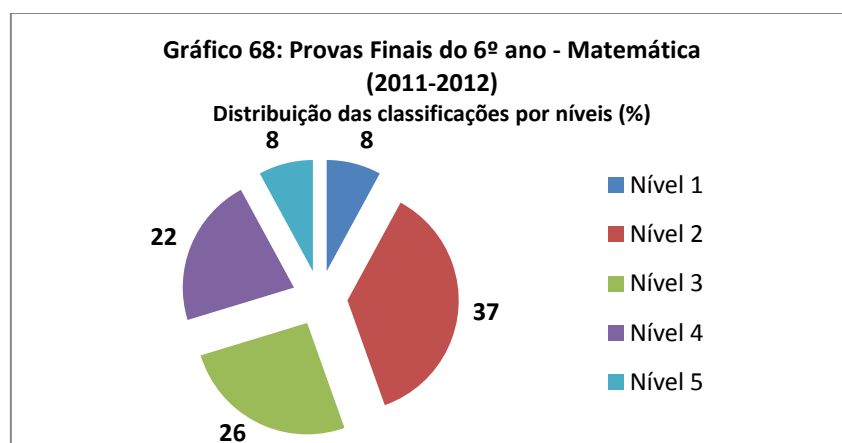
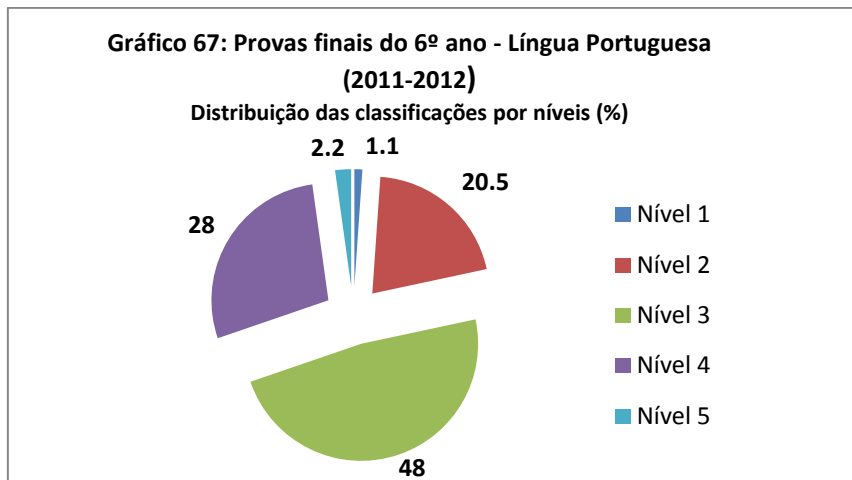


Gráfico 66: Evolução dos resultados das Provas de Aferição (%)



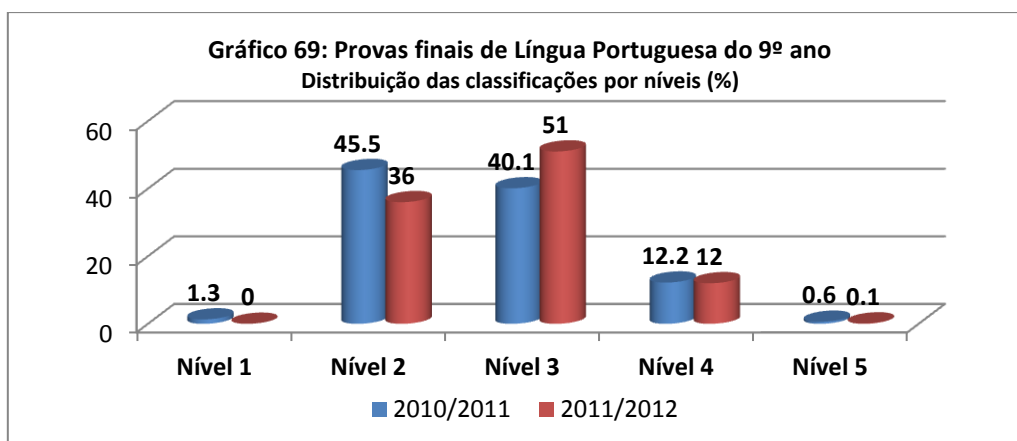
A análise diacrónica revela uma queda dos resultados médios, acompanhando a evolução da média nacional, mas que, no caso das provas de Matemática, é particularmente sensível. Sublinhe-se o caso da pequena escola de Santana, com uma evolução a contracorrente do Agrupamento. Esta oscilação já foi assinalada em sede de relatório de autoavaliação e apreciada em Conselho Pedagógico, para efeitos de ações de melhoria.

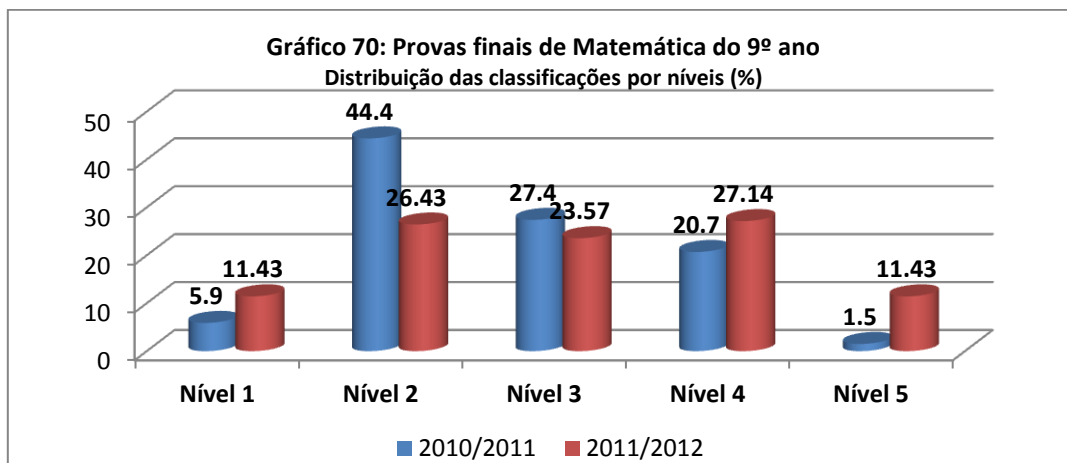
Quanto ao 6º ano, só temos dados de Provas Finais do ano transato, primeiro ano de realização destas provas e com uma natureza algo experimental. Os resultados foram os seguintes:



O perfil das classificações apresenta uma distribuição próxima da «normal», mais positiva a Português e menos a Matemática. Em ambos os casos a média dos resultados da Escola em 2012 é superior à média nacional (em Português, 60,1 contra 59 de média nacional; em Matemática, 55 contra 54 de média nacional).

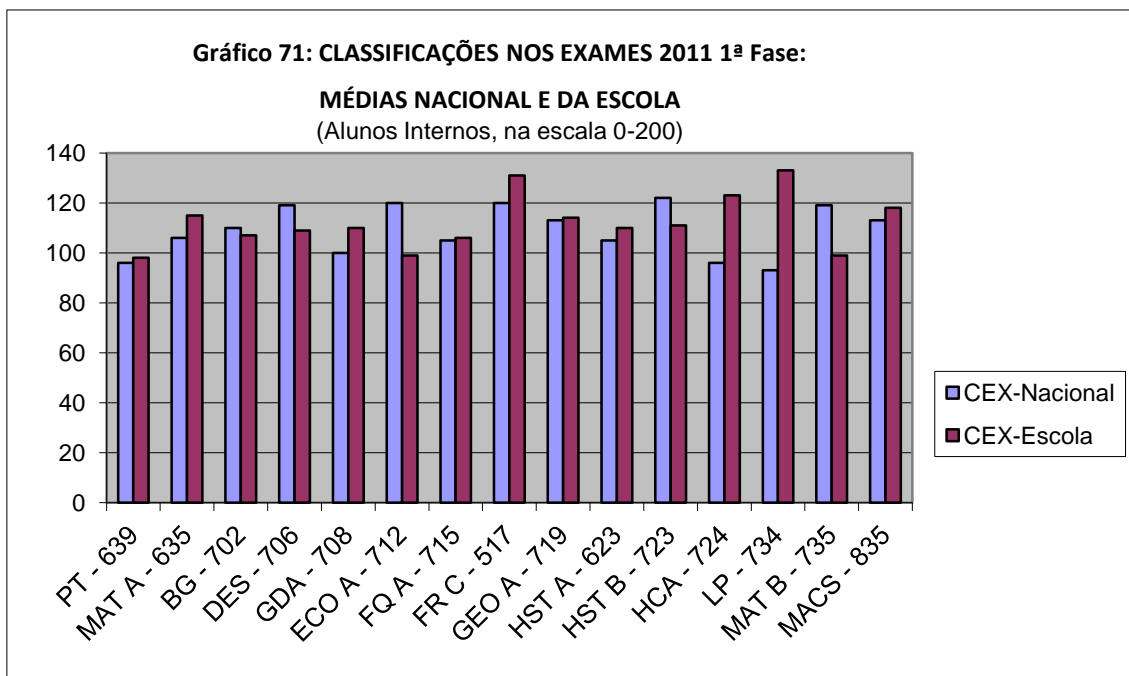
Quanto às provas finais do 9º ano, os resultados apresentam a evolução abaixo indicada:





No caso da Língua Portuguesa verificou-se uma variação positiva na distribuição dos resultados, com uma redução significativa dos níveis dois. A média do AEDG de 2012 foi de 63,7, contra 64 de média nacional. A Matemática observa-se uma alteração da distribuição dos resultados, crescendo os desempenhos extremos (níveis 1, 4 e 5) e reduzindo-se os desempenhos intermédios (níveis 2 e 3). A média do AEDG foi superior à média nacional em 3 pontos (56 - AEDG; 53 - Nacional).

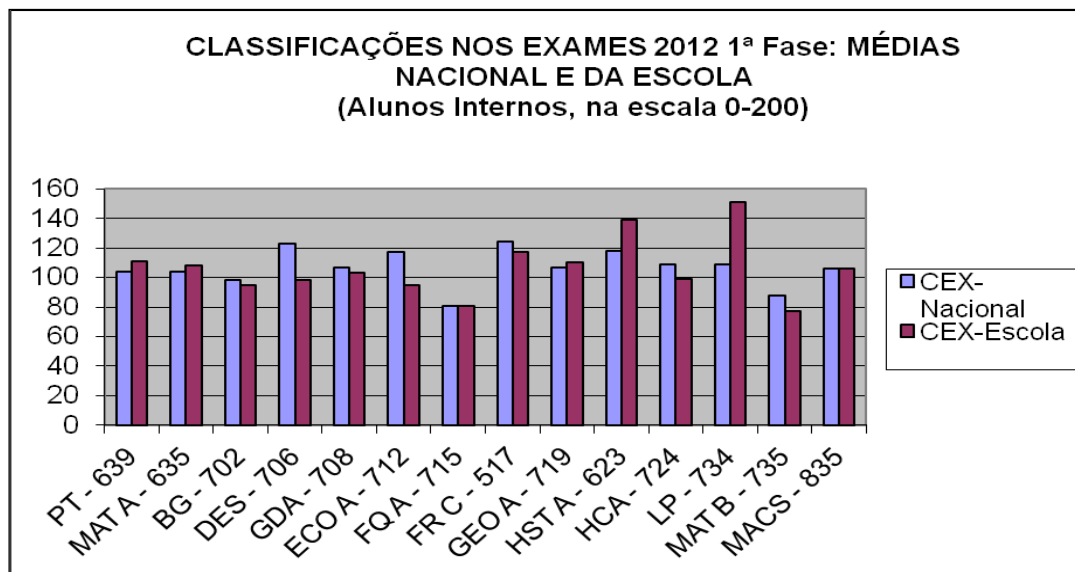
No nível secundário, os resultados dos Exames Nacionais encontram-se pormenorizadamente analisados no *Relatório de Autoavaliação: 2011-2012*. Apresentaremos aqui apenas os resultados das provas com mais alunos, as da 1ª fase, a amostra mais representativa.



Verifica-se, para 2011, que na maioria das provas a média do AEDG é superior à nacional (10 em 15 disciplinas) e os casos em que é inferior dizem respeito a disciplinas com um número de provas menor. Destacam-se as provas de Português e Matemática A (639 e 635), por serem as que têm maior número de provas.

Analisemos agora os dados para 2012:

Gráfico 72:



Uma vez mais, bons desempenhos nas disciplinas com mais provas, mas num quadro de pior desempenho global. Observa-se ainda uma persistência em certas disciplinas de diferenças negativas face à média nacional, exigindo medidas de melhoria no contexto dos departamentos curriculares respetivos.

Considerados globalmente, para além de pequenos desvios em disciplinas específicas ou oscilações anuais, pode concluir-se que o desempenho dos alunos do AEDG em situação de avaliação externa é bom e está alinhado com as médias nacionais, situação que nos parece confortável, atendendo ao contexto socioeconómico e cultural em que as escolas prestam o seu serviço educativo. A manutenção deste nível de desempenho, com algumas melhorias em aspetos pontuais, é uma linha orientadora para o médio prazo.

## 6. BALANÇO FINAL - Análise SWOT

Áreas da diagnose		Pontos fortes	Pontos fracos	Oportunidades	Constrangimentos
Comunidade Educativa		Dinamismo demográfico do sudeste do concelho	Envelhecimento, «esvaziamento demográfico» e baixas taxas de escolarização das freguesias «rurais»;	Necessidade crescente de escolarização, formação e qualificação	Diminuição da imigração Aumento da emigração Baixa da natalidade
Contexto socioeconómico		Crescente escolarização e «prémio salarial» da qualificação escolar secundária e superior	Suburbanização (função de dormitório)	Necessidade de requalificação de ativos	Desemprego e quebra da atividade económica (Conjuntura)
O Agrupamento	Alunos	Atratividade do Agrupamento para alunos de fora do concelho	Procura dos percursos profissionalizantes por alunos com histórias de insucesso	Alargamento da escolaridade obrigatória Alargamento de parcerias com a comunidade	Diminuição de alunos no Pré-Escolar e 1º CEB
	Famílias	Crescente escolarização dos pais dos alunos mais jovens	Fraco envolvimento dos pais (sobretudo no Secundário)	Motivação à participação dos pais mais escolarizados na vida escolar	Crescimento do número de famílias carenciadas
	Pessoal Docente	Formação académica, experiência profissional e estabilidade do corpo docente	Envelhecimento do corpo docente	Alargamento de parcerias com a comunidade	Instabilidade profissional face a medidas tomadas por sucessivos governos
	Pessoal Não docente	Estabilidade do corpo de assistentes	Envelhecimento (AT) e redução dos quadros de pessoal	Alargamento de parcerias com a comunidade	Baixos salários Instabilidade profissional face a medidas tomadas por sucessivos governos
	Espaços e equipamentos	Centro Escolar de Alenquer com capacidade; Escolas 1º CEB de Santa e Cheganças	Escola Secundária (instalações e equipamentos); EBPA (sobrelotação) EB1 Alenquer (obsolescência do edifício)		Cancelamento do programa de requalificação do parque escolar; Crise financeira

## PROJETO EDUCATIVO: 2012-2015

Oferta Educativa / Planos de estudos		Diversidade de percursos; universalidade da oferta em CCH do secundário;	Percursos de Educação e Formação e C. Prof. vistos pela comunidade educativa como opções de 2ª alternativa	Novas ofertas CEF (I e III), CET (V) e abertura de um CQEP;	Débil autonomia para definir Oferta; Orientações da tutela
Resultados escolares	Avaliação Interna	Taxas de transição e sucesso alinhadas ou acima das médias nacionais (1º, 2º, 3º CEB);	Taxas de transição do 7º e 10º ano significativamente abaixo da média nacional;	Plano de Melhoria para os processos de orientação e reorientação escolar nas mudanças de ciclo;	Excessivo número de alunos por turma
	Avaliação Externa	Resultados de exames alinhados com as médias nacionais; Coerência entre a avaliação interna e a avaliação externa;	Resultados nas Provas de Aferição de Matemática; Desvio entre CIF e CEX em algumas disciplinas;	Planos de melhoria para disciplinas com avaliação externa	Alterações sucessivas das orientações e medidas curriculares; Excessivo número de alunos por turma
	Fluxos Escolares	Taxas de conclusão alinhadas ou superiores à Média Nacional (1º, 2º, 3º CEB, Sec CCH);	Pouca fluidez das formações com estrutura modular (CEF, CProf, Rec.MC) - módulos em atraso acumulados;	Planos de melhoria para formações com estrutura modular	Tendência para as formações profissionalizantes atraírem alunos com piores desempenhos e histórico de insucesso; Excessivo número de alunos por turma

Legenda de siglas:

CCH - Cursos Científico Humanísticos

CEB - Ciclo do Ensino Básico

AT - Assistentes Técnicas

EBPA - Escola Básica Pêro de Alenquer

CIF - Classificação Interna de frequência

CEX - Classificação Externa

CEF - Cursos de Educação e Formação

C.Prof - Cursos Profissionais

Rec.MC - Recorrente por Módulos Capitalizáveis

CET - Cursos de Especialização Tecnológica

CQEP - Centros de Qualificação e Ensino Profissional

## PARTE 2 - LINHAS ORIENTADORAS

### 1. VISÃO/ MISSÃO

#### MISSÃO

O Agrupamento de Escolas Damião de Goes, enquanto serviço público de educação e formação, assume como missão ***assegurar aprendizagens de qualidade e em contexto de igualdade de oportunidades à totalidade dos alunos dos seus territórios educativos***, nomeadamente:

- Proporcionando às famílias das freguesias de Alenquer e da freguesia de Santana da Carnota educação pré-escolar de qualidade, alargando até ao limite dos recursos disponíveis a taxa de cobertura após os três anos de idade;
- Assegurando a escolaridade básica às crianças e jovens das freguesias de Alenquer e da freguesia de Santana da Carnota, promovendo a aquisição das aprendizagens curriculares e o desenvolvimento de saberes, aptidões e atitudes que permitam a todos, em igualdade de oportunidades de sucesso, aceder a percursos formativos adequados às suas capacidades, interesses e motivações, nomeadamente através de alternativas de educação e formação de jovens;
- Garantindo a toda a população concelhia percursos de formação de nível secundário diferenciados, assegurando todas as vias de prosseguimento de estudos para o nível superior e ofertas de qualificação profissional com certificação escolar e profissional de nível IV ou V;
- Promovendo a oferta à população do concelho de Alenquer e concelhos limítrofes de percursos de educação e formação de adultos nos mais diversos níveis e tipologias e ensino recorrente, como oferta de segunda oportunidade dirigida a adultos - empregados ou desempregados - bem como reorientação escolar e requalificação de ativos.
- Apoiando processos de integração de imigrantes e o desenvolvimento intercultural da comunidade concelhia.

#### VISÃO

O Agrupamento de Escolas Damião de Goes ambiciona continuar a ser, como desde há quarenta anos, um serviço público educativo de qualidade, respeitando os princípios constitucionais e os valores éticos da Escola Pública democrática, assumindo-se ainda, considerando o seu contributo para a escolarização, qualificação e requalificação da população concelhia, um parceiro estratégico para o desenvolvimento local.

### 2. OBJETIVOS / METAS

#### OBJETIVO CENTRAL

**Desenvolver e qualificar** o serviço público de educação no território educativo de modo a que, em 2015, se verifiquem **melhorias significativas na qualidade das aprendizagens e no ambiente educativo** dos diversos estabelecimentos do Agrupamento.



**OBJETIVOS ESTRATÉGICOS**

Áreas de intervenção prioritárias	Objetivos estratégicos	Resultados esperados	Tempo
<b>A - Área pedagógica e do desenvolvimento curricular</b>			
A1	<i>Melhorar a qualidade das aprendizagens efetivamente realizadas pelos alunos;</i>	Crescimento das % de transição /progressão sem negativas; Resultados escolares da avaliação interna e externa alinhados com as médias nacionais;	Até 2014-2015
A2	<i>Melhorar os processos de diagnóstico, despiste e intervenção precoce sobre problemas de aprendizagem, integração escolar e social e comportamento disruptivo;</i>	Redução do insucesso nos 7º e 10º anos, ficando alinhado com as médias nacionais; Redução do número de alunos com módulos em atraso (CEF, CPROF, REC) nas formações modulares;	Até 2014-2015
A3	<i>Reduzir a frequência e a gravidade de situações de indisciplina e absentismo escolar;</i>	Menos intervenções disciplinares com caráter sancionatório; Redução das exclusões por faltas e/ou intervenções da CPCJ;	Anualmente
A4	<i>Disponibilizar apoios e estratégias de remediação/recuperação de aprendizagens, proporcionando oportunidades de sucesso</i>	Melhor relação entre recursos (horas de apoio) e resultados escolares dos alunos apoiados;	Anualmente
A5	<i>Harmonizar e articular entre os ciclos e níveis de educação/ensino os processos, critérios e instrumentos de avaliação das aprendizagens;</i>	Atenuação da diferença nos critérios e processos de avaliação nos vários ciclos/níveis de ensino;	2012-2013
<b>B - Área da Cultura de Agrupamento</b>			
B1	<i>Promover o envolvimento e a corresponsabilização dos encarregados de educação nos percursos escolares dos alunos</i>	Aumento da participação dos EE nas reuniões de órgãos e em eventos promovidos pelas escolas;	Até 2014-2015
B2	<i>Promover e incentivar a criação de dinâmicas e fatores identitários do Agrupamento;</i>	Aumento da notoriedade externa do Agrupamento; Melhoria do sentido de pertença ao AEDG por parte de docentes, trabalhadores não-docentes e alunos;	Até 2014-2015
B3	<i>Consolidar a integração do Agrupamento na Comunidade Local, aprofundando a divulgação da sua ação educativa;</i>	Manutenção da divulgação externa da ação do Agrupamento nos media locais; Melhoria qualitativa e enriquecimento de conteúdos das páginas Internet do AEDG;	Até 2014-2015
<b>C - Área organizacional</b>			
C1	<i>Reforçar a vigilância dos espaços e a segurança de pessoas, instalações e equipamentos;</i>	Melhoria no grau de satisfação dos utentes quanto à vigilância e controlo de entradas e saídas;	Até 2013-2014
C2	<i>Melhorar os processos de supervisão pedagógica nos grupos e departamentos, incentivando o trabalho cooperativo entre os docentes;</i>	Variação positiva no grau de satisfação dos docentes; Maior cooperação no planeamento didático, produção de materiais didáticos e processos de avaliação;	2012-2013
C3	<i>Promover a qualidade dos serviços prestados, num quadro de eficiência e redução global de custos;</i>	Melhoria do grau de satisfação quanto aos serviços; Redução global de custos;	Até 2014-2015
C4	<i>Melhorar e integrar as práticas de autoavaliação do Agrupamento;</i>	Criação de um dispositivo integrado de autoavaliação de todo o Agrupamento;	2012-2013

### 3. OFERTA EDUCATIVA E FORMATIVA

O serviço educativo a oferecer pelo Agrupamento, orientando-se para a missão assumida acima, organizar-se-á, sempre que possível face às orientações da tutela e aos recursos disponíveis, para a satisfação das necessidades educativas e formativas dos públicos-alvo do território concelhio. Num contexto de imprevisibilidade da variação da procura de qualificação e de escolarização no médio prazo, como assinalámos no diagnóstico estratégico, podemos, apesar de tudo, definir algumas linhas de orientação a prosseguir até 2015, no que toca à oferta educativa e formativa. Salvaguarde-se, desde já, que toda a evolução da oferta está condicionada a autorizações superiores, pelo que a orientação que apresentaremos reflete a nossa perspetiva sobre as necessidades sociais a satisfazer. Temos consciência que nem sempre o vamos fazer. Não temos autonomia para tanto.

Assim, quanto ao nível de educação pré-escolar, a linha de orientação é o aproveitamento integral da capacidade instalada, alargando progressivamente a oferta até à cobertura integral das necessidades até aos 3 anos de idade. Este alargamento será, em princípio, acomodável aos recursos atuais, considerando a tendência para a diminuição da população alvo, atendendo à diminuição da natalidade.

No 1º ciclo do ensino básico, é previsível alguma quebra na procura nos primeiros anos de escolaridade, mas que pode ser compensada pela chegada de novos residentes ao concelho, pelo que apostamos na manutenção da oferta na rede atual.

Nos 2º e 3º ciclos, supondo a manutenção das atuais regras quanto à formação de turmas, considerando ainda o acolhimento de alguns alunos da rede escolar privada, prevemos a manutenção da atual oferta, tendo ainda em conta as limitações da Escola Básica 2,3 Pêro de Alenquer quanto à capacidade das salas para turmas acima dos 26 alunos. Ponderamos ainda a abertura de percursos curriculares alternativos, nomeadamente a abertura de cursos CEF do tipo III e do tipo I, para oferecer oportunidades de reorientação escolar a casos já sinalizados. O mesmo se deverá dizer para cursos vocacionais dos 2º e 3º ciclos, ao abrigo da recente legislação.

No nível secundário, a médio prazo, consideramos o aumento - ainda que limitado - da proporção dos alunos em formações profissionalmente qualificantes (Cursos Profissionais) e um aumento absoluto do número de alunos, por efeito do alargamento da escolaridade obrigatória.

A aposta (em estudo) na abertura de um Centro de Qualificação e Ensino Profissional com sede na ESDG terá como efeito esperado um crescimento da procura de certificação, formação e acompanhamento/orientação por parte de públicos que, normalmente, estariam perdidos para a Escola ou para a qualificação, nomeadamente ativos desempregados mais velhos ou jovens desempregados com baixas qualificações. Ao mesmo tempo, aposta-se na manutenção ou diversificação da oferta de cursos de educação e formação de adultos de dupla certificação e na modalidade de ensino secundário recorrente, pois existe claramente uma procura efetiva de oportunidades de reinício ou reorientação de percursos escolares de segunda oportunidade. Este facto é confirmado pelo número de matrículas obtido a seguir à extinção (imposta pelas circunstâncias, mas nunca desejada pelo AEDG) do Centro Novas Oportunidades da ESDG. Acresce ainda o elevado potencial de «competitividade territorial» desta valência, considerando a débil oferta dos concelhos vizinhos.

Por este conjunto de razões afirmamo-nos como parceiros estratégicos do desenvolvimento local: acumulamos mais de 25 anos de experiência na educação e formação de adultos e conquistámos uma «corrente de público» para este tipo de formações. Tendo em conta os fracos indicadores de escolarização e qualificação da população concelhia<sup>7</sup> e o peso no desemprego dos grupos de idade «adultos» (mais de 25 anos e, sobretudo entre os 35 e os 54 anos de idade<sup>8</sup>), as tipologias de educação e formação de adultos e de ensino recorrente são *uma necessidade social básica da população concelhia*; necessidade a que estamos em condições de responder eficazmente, quanto ao *know how* acumulado e aos recursos físicos e humanos existentes, sem grandes necessidades de investimento ou acréscimo de despesa.

Considerando as dificuldades atuais para os jovens qualificados com cursos profissionais de nível IV acederem ao primeiro emprego e, ao mesmo tempo, a tendência já identificada das

<sup>7</sup> Ver Quadro 2, página 10, Parte I.

<sup>8</sup> Ver Gráfico 10, página 11, Parte I.

formações profissionalizantes atraírem alunos com maior histórico de insucesso e, portanto, menores expectativas escolares<sup>9</sup>, o AEDG pondera iniciar o processo de abertura de um curso de especialização tecnológica (CET) de nível V, numa área que absorva alguns dos alunos dos diversos cursos profissionais já existentes, oferecendo, pelo menos, uma via de prosseguimento de estudos no ensino superior politécnico intimamente ligada ou afim da formação profissional de origem.

Para além da oferta curricular formal, o AEDG persistirá na oferta de formações transcurriculares (interdisciplinares - comuns a várias disciplinas, transdisciplinares - para além da oferta curricular, etc.) que assegurem o enriquecimento do currículo real dos alunos, o desenvolvimento de competências e aptidões relevantes para a cidadania integral e para a aprendizagem ao longo da vida, a deteção de vocações e interesses que enformem projetos de vida aos jovens do seu território educativo.

Assim, permanecerá a aposta no desenvolvimento das competências básicas de literacia em diversos meios e suportes, em promoção da leitura e das aptidões de pesquisa e seleção crítica da informação, através do Serviço de Bibliotecas Escolares, uma valência estratégica que se pretende melhorar e desenvolver, de acordo com os recursos disponíveis.

Haverá ainda lugar a uma redefinição de áreas prioritárias, temas e modos de intervenção na área da promoção da Saúde e dos estilos de vida saudáveis, no âmbito do projeto «Escola Promotora da Saúde», aposta em que persistiremos, rentabilizando as experiências acumuladas, relidas criticamente e ajustadas a uma lógica de Agrupamento.

Pretende-se ainda alargar a oferta de formação/sensibilização para uma cultura de empreendedorismo, quer como apoio à integração no mundo do trabalho e da economia dos jovens com formações de carácter profissionalizante, quer como formação transcurricular para todos os níveis, ciclos e modalidades de ensino.

A aposta no Desporto Escolar deverá ser revalorizada, considerando os meios disponíveis e as questões de organização, numa perspetiva de expansão da prática e da cultura desportivas e da promoção de estilos de vida saudáveis, mas também do ponto de vista da projeção da identidade e notoriedade do Agrupamento.

Valorizar-se-á, como até aqui, os projetos e valências relativos à educação numa dimensão europeia, promovendo as ações de intercâmbio de alunos no âmbito do Programa Comenius, secções europeias de línguas estrangeiras, acolhimento de assistentes de Línguas e outras estratégias de alargamento da consciência da cidadania europeia e de reforço das competências de mobilidade no espaço europeu.

Por fim, manteremos e alargaremos a integração na rede Eco-Escolas, promovendo nas escolas as atitudes ecológicas e o desenvolvimento de uma consciência para a sustentabilidade, integrando tais práticas e estratégias de sensibilização nas rotinas das escolas e dos serviços.

Toda esta aposta em dimensões transcurriculares não é entendida como mera diversificação: são oportunidades de enriquecimento e aprofundamento de aprendizagens curriculares e, portanto, concorrem para a qualidade da aprendizagem por que pugnamos.

O AEDG manterá ainda a oferta da Unidade de Ensino Estruturado para o Espetro de Autismo. As Unidades de Ensino Estruturado podem constituir um valioso recurso pedagógico do Agrupamento. Com base no ensino estruturado, procuram tornar o ambiente em que o aluno se insere mais previsível e acessível, ajudando-o a encontrar maior disponibilidade para a comunicação, interação e aprendizagens. Esta resposta educativa específica visa melhorar a qualidade de vida das crianças/jovens com Perturbação do Espectro de Autismo, aumentando o seu nível de autonomia e de participação na Escola, junto dos seus pares, fomentando a sua inclusão na sociedade. Deverá manter-se também a oferta de Currículos Específicos

---

<sup>9</sup> Ver Parte I, página 20.

Individuais para alunos com necessidade de alterações significativas no currículo comum, visando o desenvolvimento da autonomia pessoal e social. Todas estas valências se harmonizam nos objetivos estratégicos traçados, assegurando um serviço educativo público fundado na igualdade efetiva de oportunidades.

#### **4. REDES, PARCERIAS E PROTOCOLOS**

O Agrupamento de Escolas Damião de Góes encontra-se firmemente inserido na Comunidade Local, entre outras razões, pelo estabelecimento de uma rede de parcerias e protocolos com empresas, organizações e instituições. Podemos, para ser breves, distinguir dois tipos de parcerias: as parcerias estratégicas que contribuem diretamente para o prosseguimento da ação educativa das escolas e as parcerias e protocolos de cooperação em que se pretende, sobretudo, obter ou facilitar o acesso a recursos (financeiros, materiais ou humanos).

No primeiro grupo, avultam as parcerias institucionais: com o Município desde logo, assegurando-se a operacionalização das Atividades de Enriquecimento Curricular no 1º ciclo. Em relação ao pré-escolar assegura a componente de apoio à família. A partir de 2012-13 um novo protocolo com o Município assegurou a colocação no Agrupamento de uma Psicóloga dos quadros municipais. O Agrupamento obtém ainda apoios pontuais, logísticos, materiais ou técnicos do Município, com que mantém relações de cooperação próximas do ótimo. É o caso do protocolo de colaboração no âmbito das Bibliotecas Escolares, que se articulam com o município no quadro do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares. No apoio especializado a alunos com deficiências mais profundas, que necessitam de cuidados diferenciados ou domiciliários, existe um protocolo com a cooperativa CERCI - Flor da Vida. Para a realização da Formação em Contexto de Trabalho dos alunos dos Cursos Profissionais e dos Cursos de Educação e Formação, existem protocolos com dezenas de empresas, associações e instituições, que seria fastidioso enumerar. Esta rede de parceiros viabiliza e valoriza a formação profissional e a ambientação dos jovens ao contexto real do trabalho. É para o Agrupamento motivo de algum orgulho o facto de haver sempre colocação para estágios e, frequentemente, a procura de estagiários supera a nossa oferta de formandos. A Associação Comercial e Industrial local tem com o Agrupamento uma antiga e íntima colaboração, estando representada no Conselho Geral. Numa outra dimensão de parcerias estratégicas, o Agrupamento integra a Rede Oeste Empreendedor, no âmbito da Comunidade Intermunicipal do Oeste. O AEDG vem desenvolvendo desde há anos trabalho regular no âmbito da Educação para o Empreendedorismo, em cooperação com o Município de Alenquer e com a AIP - Associação Industrial Portuguesa com quem se assinou recentemente um novo protocolo de cooperação nesta área. É também parceiro estratégico do Agrupamento o Centro de Saúde de Alenquer, de quem recebemos apoio em ações e iniciativas de Educação para a Saúde e Educação para a Sexualidade, desde há vários anos. Tem também assento no Conselho Geral.

Num outro tipo de parcerias, temos protocolo de cooperação com a Universidade Lusófona, para a realização de um estágio no âmbito de um Mestrado em ensino de Artes Visuais, e assinamos vários protocolos de cooperação com empresas (TMN - Moche, UDIJ) para obter financiamentos ou facilidades no acesso a serviços aos membros da Comunidade Escolar. Merece destaque o protocolo estabelecido com uma Escola de Condução local, no âmbito do qual a esta oferece aos melhores alunos de cada tipo de cursos de nível secundário e ao melhor aluno do 9º ano, desconto significativo na carta de condução de velocípedes com motor ou automóvel. Foi a solução possível para o fim do Prémio de Mérito antes associado ao Dia do Diploma.

Para além destes tipos de parcerias pontuais, o Agrupamento integra as redes nacionais do Programa Eco-Escolas e Escolas Promotoras da Saúde e a rede internacional do Programa Comenius.

Toda esta rede de parcerias deverá ser mantida e alargada. Não por uma estratégia de mercantilização da Escola Pública ou busca desesperada de alternativas de financiamento, mas por uma atitude de rentabilização e partilha dos recursos na Comunidade, considerando o seu papel de agente de desenvolvimento local.

## 5. MONITORIZAÇÃO/ AVALIAÇÃO

Como ficou dito atrás, o AEDG herdou práticas, rotinas e dispositivos de monitorização dos resultados escolares e autoavaliação que, não sendo incompatíveis ou mutuamente exclusivos, revelaram no entanto algumas diferenças e lacunas. Para além disso, denotaram diversos estados de maturidade e procedimentos que, numa lógica de agrupamento, necessitam de ser repensados e, sobretudo, afinados para manterem coerência e relevância como instrumento de autorregulação e, assim, desempenharem o seu papel na gestão operacional e estratégica do Agrupamento.

O *Relatório de Autoavaliação 2011-2012* assinala suficientemente os problemas e as necessidades quanto a este tema.

A formação de uma Equipa de Autoavaliação do Agrupamento (EAA) é uma oportunidade de ultrapassar este ponto fraco deste novel Agrupamento. Em breve será apresentada à comunidade e aos órgãos de gestão uma *Proposta de Sistema Integrado de Autoavaliação*. Nessa proposta se explicitarão as áreas, domínios e indicadores da autoavaliação. Definir-se-ão ainda as fontes de informação, os indicadores de medida e os critérios para a autoavaliação.

Deverá continuar a assentar num «duplo olhar avaliativo»: a monitorização dos resultados escolares, através do tratamento de indicadores fiáveis e estáveis acerca dos desempenhos escolares dos alunos, permitindo obter *feed back* sistemático dos desempenhos académicos, permitindo ao Agrupamento comparar, a partir dos «produtos» da sua ação educativa, o seu desempenho com outras escolas/agrupamentos, a região e o país. Em paralelo, o diagnóstico regular do seu desempenho enquanto organização, observando indicadores da perceção da qualidade quanto aos seus processos de organização interna, prestação dos serviços, impacto social da sua ação e clima organizacional, no que deverá continuar a designar-se como «Observatório da Qualidade Escolar».

A questão a ultrapassar é a generalização dos procedimentos e a harmonização dos instrumentos da autoavaliação. Assim, pretende-se **alargar o sistema quanto à transversalidade e sistematicidade** da recolha dos dados de avaliação e **aprofundar e harmonizar a informação de avaliação** relevante, considerando a diversidade de níveis e modalidades de ensino, a heterogeneidade dos públicos, pessoas e entidades a auscultar e, finalmente, a dimensão da tarefa face aos recursos humanos disponíveis.

A proposta a apresentar, logo que concluída e aprovada, será considerada parte integrante do presente Projeto Educativo.

O dispositivo de autoavaliação a reconstruir visa **contribuir para a melhoria contínua do serviço educativo prestado pelo AEDG à Comunidade**, orientando-se pelos seguintes objetivos:

- Produzir e disponibilizar à Comunidade Educativa, aos órgãos de direção e gestão, às estruturas de orientação educativa, à administração educativa e aos parceiros mais significativos informação regular e sistemática sobre os processos e resultados da ação educativa do Agrupamento;
- Proporcionar aos diversos destinatários informação de suporte às suas decisões estratégicas e operacionais, construindo indicadores relevantes do desempenho das escolas;
- Promover a construção gradual de referentes de qualidade que viabilizem a autorregulação dos desempenhos das escolas e dos seus profissionais, na perspetiva da melhoria contínua da ação educativa e do serviço público de educação;
- Promover processos de meta-avaliação, de modo a construir um processo de aprendizagem organizacional neste domínio, aprofundando conhecimento e experiência no domínio da autoavaliação.



## ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS E RESPECTIVAS FONTES

<b>Gráfico 1 -</b>	Evolução da população do concelho (1970-2011) Fonte: <a href="http://www.ine.pt">www.ine.pt</a>	4
<b>Quadro 1 -</b>	Evolução da população residente no concelho, por freguesias (1970-2011) Fonte: INE, tratamento de CMA - <i>Diagnóstico social do concelho de Alenquer</i> , 2012	5
<b>Gráfico 2 -</b>	Evolução comparada de dois conjuntos de freguesias (1991-2011) Fonte: <a href="http://www.ine.pt">www.ine.pt</a>	5
<b>Gráfico 3 -</b>	Peso relativo das freguesias rurais e urbanas (% da população) (1991-2011) Fonte: <a href="http://www.ine.pt">www.ine.pt</a>	6
<b>Gráfico 4 -</b>	Estrutura etária da população do concelho - 2010 Fonte: <a href="http://www.pordata.pt">www.pordata.pt</a>	6
<b>Gráfico 5 -</b>	Estrutura etária da população do concelho, por freguesia - 2011 Fonte: INE, tratamento de CMA - <i>Diagnóstico social do concelho de Alenquer</i> , 2012	7
<b>Gráfico 6 -</b>	População por grupos de idade (1970-2010) Fonte: <a href="http://www.pordata.pt">www.pordata.pt</a>	8
<b>Gráfico 7 -</b>	Índice de dependência dos idosos - 2011 Fonte: INE, tratamento de CMA - <i>Diagnóstico social do concelho de Alenquer</i> , 2012	8
<b>Gráfico 8 -</b>	População estrangeira com estatuto legal de residente - principais comunidades (2008-2011) <a href="http://www.pordata.pt">www.pordata.pt</a>	9
<b>Gráfico 9 -</b>	Taxas de escolarização da população residente 2011 (%) Fonte: INE, tratamento de CMA - <i>Diagnóstico social do concelho de Alenquer</i> , 2012	10
<b>Quadro 2 -</b>	Escolarização da população, por freguesias (%) - 2011 Fonte: INE, tratamento de CMA - <i>Diagnóstico social do concelho de Alenquer</i> , 2012	10
<b>Gráfico 10 -</b>	Desemprego no concelho (2011) por grupos de idade (% do total) Fonte: INE, tratamento de CMA - <i>Diagnóstico social do concelho de Alenquer</i> , 2012	11
<b>Quadro 3 -</b>	Indicadores de mercado de trabalho em 2009 - Trabalhadores por conta de outrem (TCO) Fonte: <a href="http://www.cm-alenquer.pt">www.cm-alenquer.pt</a>	11
<b>Gráfico 11 -</b>	Volume de negócios nas principais atividades económicas (atividades não-financeiras) (2008-2010) Fonte: <a href="http://www.cm-alenquer.pt">www.cm-alenquer.pt</a>	12
<b>Gráfico 12 -</b>	Crédito concedido a clientes - 2000-2011 Fonte: <a href="http://www.cm-alenquer.pt">www.cm-alenquer.pt</a>	12
<b>Gráfico 13 -</b>	Ofertas de emprego (média anual): total e por sector de atividade económica (2001-2011) Fonte: <a href="http://www.pordata.pt">www.pordata.pt</a>	13
<b>Gráfico 14 -</b>	População empregada segundo os Censos: total e por setor de atividade (1960-2011) Fonte: <a href="http://www.pordata.pt">www.pordata.pt</a>	13
<b>Gráfico 15 -</b>	Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem: total e por nível de escolaridade (1985-2009) Fonte: <a href="http://www.pordata.pt">www.pordata.pt</a>	14
<b>Gráfico 16 -</b>	AEDG - Pré-Escolar - Género Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	15
<b>Gráfico 17 -</b>	AEDG - Pré-Escolar - Idades dos alunos Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	15
<b>Gráfico 18 -</b>	AEDG - Escolas do 1º CEB - Género Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	16
<b>Gráfico 19 -</b>	AEDG - Escolas do 1º CEB - Idades Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	16
<b>Gráfico 20 -</b>	2º CEB - Género Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	16
<b>Gráfico 21 -</b>	3º CEB - Género Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	16
<b>Gráfico 22 -</b>	2º CEB - Idades dos alunos (%) Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	16
<b>Gráfico 23 -</b>	3º CEB - Idades dos alunos (%) Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	16
<b>Gráfico 24 -</b>	Cursos CH - Total - Género Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	17
<b>Gráfico 25 -</b>	Cursos Profissionais - Género Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	17
<b>Gráfico 26 -</b>	Cursos CH - Total - Idades Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	17
<b>Gráfico 27 -</b>	Cursos Profissionais - Idades Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	17
<b>Gráfico 28 -</b>	Cursos CH - Repetências Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	17
<b>Gráfico 29 -</b>	Cursos Profissionais - Repetências Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	17
<b>Gráfico 30 -</b>	Cursos CH - Escolas de origem Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	18
<b>Gráfico 31 -</b>	Cursos Profissionais - Escolas de origem Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	18
<b>Gráfico 32 -</b>	Pré-Escolar - Habilitações dos pais Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	18
<b>Gráfico 33 -</b>	Pré-Escolar - Tipologia familiar Fonte: Inquéritos de caracterização, 2012-2013	19

<b>Gráfico 34 -</b>	<b>Pré-Escolar - Apoios ASE</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>19</b>
<b>Gráfico 35 -</b>	<b>Escolas do 1º CEB - Habilitações dos pais</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>19</b>
<b>Gráfico 36 -</b>	<b>Escolas do 1º CEB - Apoios ASE</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>20</b>
<b>Gráfico 37 -</b>	<b>2º CEB - Habilitações dos pais</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>20</b>
<b>Gráfico 38 -</b>	<b>3º CEB - Habilitações dos pais</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>20</b>
<b>Gráfico 39 -</b>	<b>2º CEB - Tipologia familiar</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>20</b>
<b>Gráfico 40 -</b>	<b>3º CEB - Tipologia familiar</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>20</b>
<b>Gráfico 41 -</b>	<b>2º CEB - Apoios no âmbito da ASE</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>21</b>
<b>Gráfico 42 -</b>	<b>3º CEB - Apoios no âmbito da ASE</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>21</b>
<b>Gráfico 43 -</b>	<b>Cursos CH - Habilitações dos pais</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>21</b>
<b>Gráfico 44 -</b>	<b>Cursos Profissionais - Habilitações dos pais</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>21</b>
<b>Gráfico 45 -</b>	<b>Ensino Secundário - Ação Social Escolar</b> Fonte: Inquéritos de caraterização, 2012-2013	<b>22</b>
<b>Gráfico 46 -</b>	<b>Professores do Agrupamento - Vínculo</b> Fonte: Prodesis	<b>22</b>
<b>Gráfico 47 -</b>	<b>Professores do Agrupamento - Idades por tipo de vínculo</b> Fonte: Prodesis	<b>23</b>
<b>Gráfico 48 -</b>	<b>Professores do Agrupamento - Idades</b> Fonte: Prodesis	<b>23</b>
<b>Gráfico 49 -</b>	<b>Professores do Agrupamento - Género</b> Fonte: Prodesis	<b>23</b>
<b>Gráfico 50 -</b>	<b>Professores do Agrupamento - Habilitações académicas</b> Fonte: Prodesis	<b>24</b>
<b>Gráfico 51 -</b>	<b>PND - Idades dos trabalhadores</b> Fonte: Prodesis	<b>24</b>
<b>Gráfico 52 -</b>	<b>PND - Idades dos trabalhadores, por carreira</b> Fonte: Prodesis	<b>24</b>
<b>Gráfico 53 -</b>	<b>PND - Tempo de serviço dos trabalhadores</b> Fonte: Prodesis	<b>25</b>
<b>Gráfico 54 -</b>	<b>PND - Tempo de serviço dos trabalhadores, por carreira</b> Fonte: Prodesis	<b>25</b>
<b>Gráfico 55 -</b>	<b>PND - Habilitações dos trabalhadores</b> Fonte: Prodesis	<b>25</b>
<b>Gráfico 56 -</b>	<b>PND - Habilitações dos trabalhadores, por carreira</b> Fonte: Prodesis	<b>25</b>
<b>Gráfico 57 -</b>	<b>2010-2011: Taxas de sucesso (%) - Ensino Regular</b> Fonte: MISI	<b>31</b>
<b>Gráfico 58 -</b>	<b>2011-2012: Taxas de sucesso (%) - Ensino regular</b> Fonte: MISI	<b>31</b>
<b>Gráfico 59 -</b>	<b>2010-2011: Taxas de sucesso (%) - Outras modalidades de ensino e formação</b> Fonte: MISI	<b>32</b>
<b>Gráfico 60 -</b>	<b>2011-2012: Taxas de sucesso (%) - Outras modalidades de ensino e formação</b> Fonte: MISI	<b>32</b>
<b>Gráfico 61 -</b>	<b>Evolução das taxas de sucesso no AEDG (%) - Ensino Regular</b> Fonte: MISI	<b>32</b>
<b>Gráfico 62 -</b>	<b>Evolução das taxas de sucesso no AEDG (%) - Outras modalidades de ensino e formação</b> Fonte: MISI	<b>33</b>
<b>Gráfico 63 -</b>	<b>2011 - Provas de aferição 1º CEB AEDG (%)</b> Fonte: MISI	<b>33</b>
<b>Gráfico 64 -</b>	<b>2012 - Provas de aferição 1º CEB AEDG (%)</b> Fonte: MISI	<b>34</b>
<b>Gráfico 65 -</b>	<b>Evolução dos resultados das provas de aferição - Língua Portuguesa</b> Fonte: MISI	<b>34</b>
<b>Gráfico 66 -</b>	<b>Evolução dos resultados das provas de aferição - Matemática</b> Fonte: MISI	<b>34</b>
<b>Gráfico 67 -</b>	<b>Provas finais do 6º ano - Língua Portuguesa (2011-2012) - Distribuição das classificações por níveis (%)</b> Fonte: [EBPA] - <i>Resultados do desempenho dos alunos: Relatório final 2011-2012</i>	<b>35</b>
<b>Gráfico 68 -</b>	<b>Provas finais do 6º ano - Matemática (2011-2012) - Distribuição das classificações por níveis (%)</b> Fonte: [EBPA] - <i>Resultados do desempenho dos alunos: Relatório final 2011-2012</i>	<b>35</b>
<b>Gráfico 69 -</b>	<b>Provas finais de Língua Portuguesa do 9º ano - distribuição das classificações por níveis (%)</b> Fonte: [EBPA] - <i>Resultados do desempenho dos alunos: Relatório final 2011-2012</i>	<b>35</b>
<b>Gráfico 70 -</b>	<b>Provas finais de Matemática do 9º ano - distribuição das classificações por níveis (%)</b> Fonte: [EBPA] - <i>Resultados do desempenho dos alunos: Relatório final 2011-2012</i>	<b>36</b>
<b>Gráfico 71 -</b>	<b>Classificações nos Exames 2011 1ª fase - Média Nacional e da Escola (alunos internos, escala 0-200)</b> Fonte: ESDG-Gavi - <i>Ano escolar 2010-2011: monitorização dos resultados escolares (cursos científico-humanísticos): Avaliação Interna e Externa (Exames Nacionais) : Relatório, Dezembro de 2011</i>	<b>36</b>

**Gráfico 72 -**

Classificações nos Exames 2012 1ª fase - Média Nacional e da Escola  
(alunos internos, escala 0-200) Fonte: ESDG-GAvi - Ano escolar 2011-2012:  
*monitorização dos resultados escolares (cursos científico-humanísticos): Avaliação  
Interna e Externa (Exames Nacionais) : Relatório, Outubro de 2012*

**37**



## Projeto Educativo - Critérios para Constituição de turmas

1. As turmas são mantidas sempre que possível ao longo da escolaridade.
2. Deve respeitar-se, sempre que possível, as opções dos alunos dos 7º e 9º anos e secundário.
3. Os alunos retidos deverão ser distribuídos pelas turmas de forma equitativa tendo em conta as características comportamentais destes e da turma de inserção.
4. Deve procurar manter-se a heterogeneidade dos alunos como forma de potencializar a integração dos alunos em situação de desvantagem inicial. Excetuam-se os casos de projetos devidamente aprovados.
5. Integrar nas mesmas turmas os alunos com necessidades educativas de carácter permanente, não excedendo o limite legal.
6. A separação dos alunos nas turmas poderá ser necessária nas seguintes situações:
  - a) Elevado número de alunos em retenção para integração das turmas.
  - b) Necessidade de criar/ reduzir turmas devido ao elevado/reduzido número de alunos por turma.
  - c) Divisão de turmas por indicação dos educadores/professores titulares de turma de 1º ciclo/conselhos de turma.
7. Nas situações em que se torne necessária a divisão das turmas, deve consultar-se os educadores/professores titulares de turma/conselhos de turma, que, pelo seu conhecimento das características dos alunos, devem seleccionar os grupos de alunos a retirar da turma.
8. Para separar os alunos nas turmas, devem aplicar-se os seguintes critérios, de acordo com a ordem de prioridades estipulada:
  - a) Procurar retirar os alunos menos integrados na turma, ou cuja relação seja problemática/ conflituosa, procurando a criação de interações que poderão ser benéficas;
  - b) Retirar prioritariamente alunos que no ano letivo anterior apresentaram participações/problemas disciplinares;
  - c) Agrupar os alunos de acordo com as suas diferentes características comportamentais e emocionais, criando turmas o mais heterogéneas possível, de modo a não haver uma repetição de características disfuncionais que possam prejudicar o funcionamento da turma;
  - d) Procurar que os alunos com necessidades educativas de carácter permanente não sejam afectados por estas alterações;
  - e) Retirar os alunos mais recentes na turma, respeitando, assim, a ordem de antiguidade na mesma;
  - f) Retirar os alunos mais velhos;
  - g) Procurar uma distribuição equitativa dos alunos, de modo a não separar alunos isoladamente.
9. Sempre que haja necessidade de extinguir e/ou fundir turmas, por solicitações ou imperativos de ordem vária, deverão aplicar-se os seguintes critérios, de acordo com a ordem de prioridades estipulada:
  - a) Por indicação expressa dos Conselhos de Turma/Conselhos de Docentes;
  - b) Não extinguir as turmas onde se encontrem alunos com necessidades educativas de carácter permanente devidamente integrados, independentemente da dimensão da turma;
  - c) Subdividir a turma com maior número de opções dos alunos, nos casos em que as mesmas se aplicam;
  - d) Com maior número de alunos alvo de participações e/ou procedimentos disciplinares;
  - e) Separar a turma com menor número de alunos.